

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA PAULA ROCHA DA SILVA

**TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À
COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Porto Alegre

2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA PAULA ROCHA DA SILVA

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À
COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Porto Alegre

2017

ANA PAULA ROCHA DA SILVA

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À
COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação, da Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Maria Martins Giraffa

Porto Alegre

2017

Ficha Catalográfica

S586t Silva, Ana Paula Rocha da

Tecnologias Digitais como alternativa complementar à comunicação entre a família e a escola : um estudo na Educação Infantil / Ana Paula Rocha da Silva . – 2017.
94 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Lúcia Maria Martins Giraffa.

1. Comunicação família e escola. 2. Tecnologias Digitais. 3. Educação Infantil. I. Giraffa, Lúcia Maria Martins. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Texeira CRB-10/1974

ANA PAULA ROCHA DA SILVA

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À
COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação, da Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Aprovada em: 18/12/2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. Lúcia Maria Martins Giraffa - PUCRS

Prof^ª. Dra. Maria Inês Côrte Vitória - PUCRS

Prof^ª. Dra. Milene Selbach Silveira – PUCRS/PPGCC

Porto Alegre
2017

*À minha família,
minha base,
minha força,
meu tudo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus filhos, Nicolas e Marina, por me darem a oportunidade diária de ser mãe, por vibrarem pelas minhas conquistas e compreenderem as minhas ausências. Foi sendo mãe dos meus pequenos que pude vivenciar esse outro lado para além de ser prof^a, o que mudou o meu olhar e compreensão sobre as famílias nesse relacionamento com a escola. Foi sendo mãe dos meus pequenos que compreendi o quanto queremos o melhor para as nossas crianças e que sempre faremos o possível e o impossível para vê-los felizes. Amo vocês infinitamente.

Agradeço ao meu marido, Fábio, pelo apoio e compreensão nos diferentes momentos, pelo respeito e pela confiança de sempre.

Agradeço aos meus pais, Gelsa e Nei, que sempre me estimularam a estudar, que foram meus exemplos de empenho e dedicação, que confiaram nas minhas capacidades incentivando as minhas conquistas e vibrando a cada vitória.

Agradeço aos meus sogros, Lu e Edgar, por todo o apoio com meus pequenos para que eu pudesse desenvolver o meu estudo com tranquilidade.

Agradeço à toda a minha família que sempre me apoiou e vibrou comigo, que é a minha base e o meu porto seguro, com quem compartilho todos os momentos.

Agradeço às minhas colegas e amigas da EMEI Parque dos Maias II por todas as trocas, o apoio e a compreensão ao longo destes dois anos.

Agradeço a todos os meus pequenos alunos, ao longo destes 16 anos, e suas famílias, que me fazem refletir diariamente sobre a relação família/escola e o desenvolvimento infantil.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dra. Lúcia Martins Giraffa por tantas trocas, apoio e compartilhamentos; por me mostrar que nossos mundos – educação infantil e tecnologia – são ainda mais lindos juntos; e por me ensinar que a vida não para e não vai parar nunca, que às vezes ela vai nos atropelar e, mesmo assim, vamos sacudir a poeira e fazer o nosso melhor. Tenho certeza de que amadureci muito tanto no que tange à pesquisa quanto na minha vida pessoal por ter convivido com você. Obrigada.

Agradeço ao corpo docente do PPGEduc por estimular o meu melhor, proporcionando grandes momentos de questionamentos e reflexões. Em especial a Prof^a Dra. Maria Inês Corte Vitória por ter participado da minha banca de qualificação trazendo importantes contribuições à minha pesquisa e, também, da banca final.

Agradeço aos demais professores que contribuíram com a minha formação como pesquisadora, em especial à Prof^a Dra. Marília Morosini por me apresentar os caminhos do Estado de Conhecimento, à Prof^a Dra. Valderez Lima pelas discussões sobre a Análise Textual Discursiva, e à Prof^a Dra. Milene Silveira por participar da minha banca final.

Agradeço ao grupo de pesquisa ARGOS pelas trocas de conhecimento e incentivo, em especial à Caroline, que participou comigo de todo o processo compartilhando ansiedades, medos, dúvidas, descobertas, aprendizados, alegrias e conquistas.

Agradeço às amigas que o mestrado me deu, Jerusa e Priscila, vocês são meus exemplos de força, de garra e de vontade de fazer o melhor. Amo nossas conversas e nossas trocas.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço às escolas que acreditaram no meu sonho e se dispuseram a participar das entrevistas, fazendo com que este estudo fosse possível.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para eu chegar até aqui.

Agradeço, por fim, à Deus que me dá forças diariamente para ir atrás daquilo que eu acredito.

RESUMO

Esta Dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, na linha de pesquisa Formação, Políticas e Práticas em Educação, investigou o uso das Tecnologias Digitais (TD) no auxílio à comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças nas escolas de Educação Infantil privadas de Porto Alegre analisando as possibilidades e os desafios frente à adoção de tais recursos. Os objetivos foram identificar quais Tecnologias Digitais são utilizadas na comunicação complementar com os pais das crianças nas escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre, compreender a contribuição destas tecnologias, considerando a opinião dos gestores e dos coordenadores pedagógicos das escolas, como complemento à sua comunicação com os pais e refletir acerca das implicações decorrentes da adoção de tais recursos como complemento à sua comunicação com os pais. Os sujeitos da pesquisa foram os gestores e os coordenadores pedagógicos de nove escolas de Educação Infantil privadas de Porto Alegre. No referencial teórico foram utilizados autores das áreas da tecnologia como Levy, da comunicação como Santaella e, da Educação Infantil como Zabalza, Bassedas, Huguet e Solé. Como metodologia de pesquisa, optou-se pela abordagem de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso. O método de análise de dados foi a Análise Textual Discursiva, sendo os instrumentos de coleta de dados questionário e entrevistas. Os principais resultados alcançados mostram que: a) a tecnologia auxilia a comunicação entre a escola e a família, no entanto, para que ela seja afetiva, depende da forma como a utilizamos; b) entre os benefícios do uso estão a agilidade, a simultaneidade, a quantidade de informações trocadas e a facilidade de acesso; c) como desafios, há questões relacionadas ao Hardware, ao Software e às Pessoas. Como contribuição da pesquisa, sugerimos que as escolas construam um código de conduta para o uso das tecnologias. Fica em aberto para discutir em possíveis trabalhos futuros: o questionamento sobre a formação dos professores para o uso das tecnologias na relação com as famílias e ampliar a investigação incluindo a opinião dos pais e dos educadores sobre a adoção das tecnologias na comunicação entre a família e a escola.

Palavras-chave: Comunicação família e escola; Tecnologias Digitais; Educação Infantil.

ABSTRACT

This study, linked to Graduate Program in Education at Pontifical University Catholic of Rio Grande do Sul, in the research line Formation, Policies and Practices in Education, investigated the use of digital technologies (TD) in aid to communication between the school and the family with regard to the monitoring of the development of children in privately schools for Early Education in Porto Alegre analyzing the possibilities and the challenges facing the adoption of such resources. The objectives were to identify what digital technologies are used in complementary communication with parents of children in privately schools for Early Education in Porto Alegre, understanding the contribution of these technologies, considering the opinion of managers and pedagogical coordinators of schools, as a complement to your communication with parents and reflect the implications arising from the adoption of such resources as a complement to your communication with the parents. The subjects of the research were managers and pedagogical coordinators of nine early childhood schools deprived of Porto Alegre. In the theoretical framework of authors were used technology like Levy, communication as Santaella and, of early childhood education, as Zabalza, Bassedas, Huguet and Solé. As research methodology, we opted for the qualitative approach, the type case study. The data analysis was perform using the Textual Discourse Analysis method and to collect the data, it used a: online self-administered questionnaire and interviews. The main results of the research show that: a) the technology helps the communication between the school and the family, however, for it to be affective, depends on how we use it; b) among the advantages for use are agility, concurrency, the amount of information exchanged and the ease of access; c) as challenges, there are issues related to Hardware, Software and People. As a contribution of the research, we suggest that schools build a code of conduct for the use of technologies. Is open to discuss possible future work: the questioning about the training of teachers to the use of technologies in relation to families and to expand research including the opinion of parents and teachers about the adoption of technologies in communication between family and school.

Keywords: Family-school communication. Digital Technologies. Early Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Contexto da Pesquisa	21
Figura 2 - Cadastro da Pesquisa no SIPESQ	38
Figura 3- Procedimento de amostragem inicial	40
Figura 4 – Procedimento de amostragem final	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Caminhos do Procedimento de amostragem	41
Gráfico 2 – Tecnologias mais usadas pelas escolas	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Total de trabalhos científicos encontrados	23
Quadro 2 - Mapeamento das produções científicas selecionadas.....	24
Quadro 3 - Tecnologias utilizadas por cada escola	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ARGOS	Grupo de Pesquisa Interdisciplinar da PUCRS
ATD	Análise Textual Discursiva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
SEREEI	Setor de Regularização dos Estabelecimentos da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação
SINDICRECHES	Sindicato Intermunicipal dos Estabelecimentos de Educação Infantil do Estado do Rio Grande do Sul
SINEPE	Sindicato do Ensino Privado do Rio Grande do Sul
SIPESQ	Sistema de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SMED	Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TD	Tecnologias Digitais
TI	Tecnologia da Informação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 A pesquisadora	16
1.2 Motivação, contexto e justificativa da pesquisa.....	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 A criança e a educação infantil	25
2.2 A família na educação infantil: a importância da comunicação.....	28
2.3 As tecnologias digitais e seu uso na escola	32
3 CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS... 35	
3.1 Sujeitos da pesquisa	36
3.2 Instrumentos de coleta de dados.....	36
3.3 Procedimentos éticos da pesquisa	38
3.4 Procedimento de amostragem	39
3.5 Recursos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.....	42
4 ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1 Possibilidades	44
4.1.1 WhatsApp.....	50
4.1.2 E-mail	52
4.1.3 Facebook	53
4.1.4 Site.....	54
4.1.5 Câmeras de Monitoração.....	55
4.1.6 Agendas Eletrônicas	57
4.2 Desafios	60
4.2.1 Hardware	61
4.2.2 Software	62
4.2.3 Pessoas	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A - Bibliografia Sistematizada dos trabalhos selecionadas	82
APÊNDICE B - Questionário online autoaplicável	88
APÊNDICE C - Roteiro entrevistas	92

1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos a motivação que nos levou a realizar esta Pesquisa bem como uma contextualização do tema justificando nossas escolhas e o caminho percorrido. Apresentaremos ainda, um pouco sobre a pesquisadora, sua formação e suas experiências que a qualificam para a realização deste estudo.

1.1 A PESQUISADORA

Permito-me escrever apenas esta parte em primeira pessoa para ser mais coerente com o relato.

Esta Pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS na linha de Pesquisa Formação, Políticas e Práticas em Educação. A fim de desenvolver minha dissertação de mestrado, pretendi investigar como o uso das Tecnologias Digitais pode auxiliar na comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças em escolas que atendem apenas a etapa da Educação Infantil.

Sempre soube que queria ser professora de Educação Infantil. Contudo, quando estava no terceiro ano do ensino médio, fiz uma orientação vocacional e o resultado foi que eu deveria escolher uma profissão que trabalhasse com pessoas, como Administração ou Relações Públicas. Mesmo não aparecendo a Pedagogia entre os resultados, continuava com a minha certeza, então, decidi fazer vestibular para Pedagogia Educação Infantil na PUCRS e para Comunicação Social Relações Públicas na UFRGS.

Passei nas duas universidades e frequentei as duas faculdades por dois anos, de 2000 a 2002. Comecei a atuar em uma escola privada de Educação Infantil como estagiária em 2001 e lá permaneci até o final de 2003. Em 2004, assumi como professora em outra escola privada de Educação Infantil, com uma estrutura um pouco maior que a primeira, e lá permaneci até 2006, quando assumi como professora de Educação Infantil em um dos mais renomados colégios particulares de Porto Alegre. Trabalhei de 2006 a 2013 nessa instituição.

Em 2011 assumi um novo desafio: ser professora de educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. No início de 2014, logo que saí da escola particular, assumi 40 horas de trabalho no Município onde permaneço até hoje. Sendo assim, toda a minha experiência profissional é na Educação Infantil com crianças de zero a seis anos de idade tanto em escolas privadas quanto pública, são 16 anos de sala de aula.

Sobre a faculdade de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, concluí o curso em 2006, mas nunca atuei na área. Essa habilitação, no entanto, proporcionou uma ampliação da minha visão sobre a escola. Se, no início, eu pensava apenas nos meus alunos e na minha turma, com o conhecimento construído sobre a comunicação pude perceber o quanto é importante trabalhar em equipe, visto que a escola e a comunidade escolar como um todo precisam se comunicar e estar alinhadas para que todas as “partes” possam se desenvolver.

Muitos desafios surgiram ao longo destes anos: no início, diminuir a minha ansiedade e perceber que as crianças têm seu ritmo e suas necessidades que precisam ser respeitadas; que o relacionamento com as famílias depende também da construção de um vínculo, que será difícil agradar a todos, mas com a experiência vamos percebendo como fortalecer essa relação; e que se colocar no lugar dos outros (colegas, crianças, famílias) é fundamental para que consigamos ampliar a nossa visão de educação e realizar um trabalho de qualidade.

Cursos, congressos, seminários e encontros, além da experiência, contribuíram para que eu conseguisse alinhar a teoria com a prática e ter um olhar mais cuidadoso às características dos meus alunos, seus contextos, seus interesses e suas curiosidades.

Em 2008, buscando conhecer um pouco mais sobre o processo de aprendizagem das crianças, iniciei a especialização em Psicopedagogia, concluída em 2009. Esse estudo despertou em mim um novo olhar para as famílias, suas composições e sua relação com a escola e acabei percebendo que, sim, as famílias têm um papel fundamental no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças. Assim, mesmo buscando sempre qualificar meu vínculo com os pais, com a Psicopedagogia, aprimorei o meu olhar, ele ficou ainda mais sensível a estas relações, aos sentimentos dos pais quando são chamados na escola e/ou quando seus filhos têm alguma dificuldade.

Tendo em vista todas as transformações ocorridas nas famílias, na concepção de criança e no papel da escola, hoje, acredito que não há como trabalhar na Educação

Infantil sem ter uma comunicação, um diálogo e uma relação com as famílias. E, ao mesmo tempo, eu que estou em sala de aula há 16 anos, ainda tenho famílias bem resistentes a participar das propostas e se envolver nas aprendizagens dos seus filhos. Sendo assim, busquei, com o mestrado, ampliar os conhecimentos sobre esse tema para que possamos trabalhar em conjunto para atingirmos nosso principal objetivo: o desenvolvimento integral das crianças da Educação Infantil.

1.2 MOTIVAÇÃO, CONTEXTO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

As transformações na sociedade têm gerado diversas configurações na formação da família. Se, há alguns anos atrás, tínhamos a família nuclear constituída por pai, mãe e filhos, hoje, inúmeras relações se estabelecem tais como avós que assumem o papel de pais, famílias mononucleares com somente a presença da mãe ou do pai, famílias com dois pais ou duas mães, famílias em que outros membros como tios ou irmãos assumem o papel de pais, etc.

De acordo com Amazonas e Braga (2006, p.04) “A família, não importa a configuração que assuma, continuará a existir, pois é o que pode assegurar à criança, aos novos sujeitos que se apresentam ao mundo, o direito ao amor, ao acolhimento no mundo humano e à palavra”. Desta forma, entendemos que família vai além da relação estabelecida entre o pai, a mãe e seus filhos, ela está relacionada a uma série de responsabilidades e à formação de novos indivíduos.

Atualmente, em grande parte das famílias, os pais e avós trabalham. Sendo assim, o ingresso da mulher no mercado também foi um marco importante na educação das crianças (de zero a seis anos). Quando a mulher/mãe não trabalhava, ela permanecia com os pequenos em casa até a idade de ingressarem no Ensino Fundamental, aos seis anos. Hoje, emerge a necessidade de uma escola em tempo integral que possa garantir a educação e o cuidado às crianças de 0 a 5 anos (escolas de educação infantil).

A comunicação entre a escola e a família é fundamental para o pleno desenvolvimento infantil visto que a criança é um ser em formação e essas duas instituições são os principais espaços frequentados por ela. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)¹

¹ Guia de orientação construído pelo Ministério da Educação que deverá servir de base para discussões entre profissionais de um mesmo sistema de ensino ou no interior da instituição, na elaboração de projetos educativos singulares e diversos.

As crianças têm direito de ser criadas e educadas no seio de suas famílias. O Estatuto da Criança e do Adolescente reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Cabe, portanto, às instituições estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil. (1998, vol.1, p.76)

A escola tem, então, o desafio de buscar esses grupos familiares e mostrar a eles o quão importante é a sua participação. Para Bassedas, Huguet e Solé (1999) na educação infantil o contato com a família costuma ser mais frequente e, assim, os educadores têm a possibilidade de passar aos responsáveis informações sobre a rotina da criança e acontecimentos diários.

Tendo em vista que nesta etapa da educação as crianças necessitam de um responsável que as leve e as busque na escola, as autoras reafirmam a importância desses contatos informais, justificando que eles “[...] permitem um conhecimento progressivo dos agentes educadores da criança; ajudam os pais e as mães a tranquilizarem-se e a verem com segurança a estada do seu filho na escola; as próprias crianças podem ver que as pessoas adultas significativas para ela têm coisas a dizer-lhes, etc” (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p.285).

No entanto, há uma dificuldade por parte da escola em se aproximar das famílias. Alguns pais utilizam a falta de tempo e o trabalho como justificativas para não participar das propostas da escola e da vida escolar dos seus filhos, por exemplo. Às vezes, por necessidade ou comodidade, delegam a outros a responsabilidade de levar ou buscar seus filhos na escola.

Sendo assim, pensando na sociedade contemporânea, as Tecnologias Digitais (TD) surgem como recursos atuais e disponíveis que podem contribuir com essa relação. Há escolas de Educação Infantil que utilizam, por exemplo, câmeras, sites, redes sociais e até agendas virtuais para se comunicar, interagir e se relacionar com os pais. No entanto, é importante salientar que o uso das TD é complementar e jamais irá substituir a presencialidade na relação entre a família e a escola, fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Entendemos que os atores envolvidos neste cenário são os gestores, educadores, colaboradores e familiares/responsáveis pelas crianças. Entretanto, para realização desta investigação fizemos o recorte intencional focando na opinião dos gestores e coordenadores pedagógicos em função do tempo e volume de trabalho inerente a uma

dissertação de mestrado. Desde já, antecipamos que após a conclusão desta fase temos o interesse em ampliar a investigação colhendo a opinião dos pais e dos educadores fazendo um cruzamento das percepções de ambos a fim de verificar se as expectativas são as mesmas e o quanto, efetivamente, este investimento retorna o pretendido: aproximação escolas e familiares/responsáveis na busca pelo melhor atendimento e acompanhamento do desenvolvimento das crianças.

Sendo assim, sabedores da dificuldade, por parte da escola e dos pais ou responsáveis, em sincronizar agendas para acompanhamento do trabalho da escola e do desenvolvimento dos seus filhos, perguntamos: *Como o uso das Tecnologias Digitais pode complementar a comunicação entre a família e a escola de Educação Infantil?* ”

A partir dessa questão norteadora, definimos o nosso Objetivo Geral:

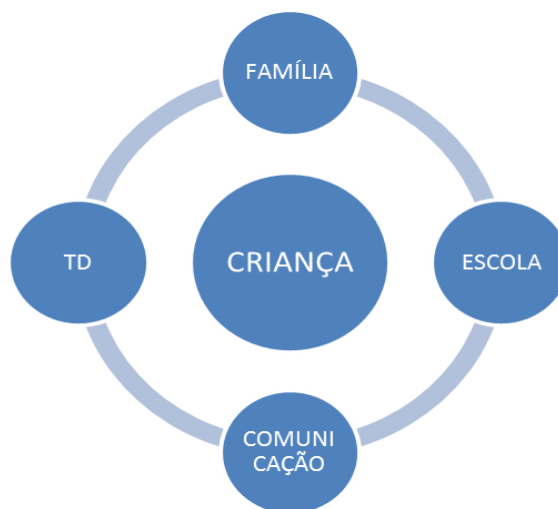
Investigar como o uso das Tecnologias Digitais pode auxiliar na comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças em escolas privadas que atendem apenas a etapa da Educação Infantil.

E, assim, os objetivos específicos:

- 1) Identificar quais Tecnologias Digitais são utilizadas na comunicação complementar com os pais das crianças nas escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre;
- 2) Compreender a contribuição destas tecnologias, considerando a opinião dos gestores e coordenadores pedagógicos das escolas, como complemento à sua comunicação com os pais;
- 3) Refletir acerca das implicações decorrentes da adoção de tais recursos como complemento à sua comunicação com os pais.

Desta forma, nosso contexto de pesquisa está situado conforme demonstra a Figura 1, valorizando o desenvolvimento da criança como objetivo central da comunicação entre a família e a escola com o uso das tecnologias digitais.

Figura 1 – Contexto da Pesquisa



Fonte: Autora (2017)

Este texto foi, então, organizado em cinco capítulos.

O capítulo 2 apresenta o referencial teórico, por meio da constituição do estado de conhecimento da temática proposta; a criança e a educação infantil; a família da educação infantil e a importância da comunicação; as tecnologias digitais e seu uso na escola.

No capítulo 3 abordamos os caminhos da pesquisa com os procedimentos metodológicos, os sujeitos da pesquisa, instrumentos de coleta de dados, procedimento éticos, o processo de amostragem e os recursos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

No capítulo 4 apresentamos a análise dos dados dividida em duas grandes categorias:

- Possibilidades do uso das TD, explicando o uso de cada tecnologia a partir das entrevistas realizadas nas escolas; e
- Desafios, subdivididos em hardware (infraestrutura física como a luz e a Internet), software (uso dos aplicativos e programas) e pessoas (relacionado aos gestores, pais e educadores).

E, por fim, no quinto capítulo, tecemos as considerações finais.

As referências e os apêndices estão apresentados no final deste volume.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a construção da fundamentação teórica do nosso estudo, iniciamos com a realização do Estado de Conhecimento que, segundo Morosini e Fernandes (2014, p.155), é “[...] identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”. É, desta forma, uma metodologia de aproximação ao tema que pretendemos estudar. A partir dela, buscamos os trabalhos e pesquisas mais atuais para que possamos conhecer o que está sendo produzido na área e tema que temos interesse bem como de que forma estas pesquisas estão sendo realizadas.

De acordo com Morosini e Fernandes (2014, p.158) “O Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto de investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida”. Sendo assim, a partir da escolha do tema da pesquisa e da definição de seu problema, torna-se fundamental a construção do estado de conhecimento para compreendermos como e sobre o que os trabalhos estão sendo realizados.

O estado de conhecimento teve como objetivos identificar as pesquisas, teses e dissertações produzidas nos últimos dez anos sobre os temas relacionados a presente pesquisa obtendo uma primeira aproximação com o campo de estudos; analisar os tipos de pesquisa, a forma como são elaboradas e os principais autores referenciados buscando perceber como está sendo realizada a pesquisa na área nos dias de hoje; e construir categorias com os principais temas abordados.

A partir da nossa questão de pesquisa “Como o uso das Tecnologias Digitais pode complementar a comunicação entre a família e a escola de Educação Infantil?” e do objetivo geral “Investigar como o uso das Tecnologias Digitais pode auxiliar na comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças em escolas que atendem apenas a etapa da Educação Infantil” definimos os indicadores que foram buscados nos bancos de dados. A saber: comunicação família-escola, comunicação escolar, escola educação infantil e tecnologias digitais na escola.

Utilizamos como fontes de pesquisa o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o portal de Periódicos da CAPES, o banco de dados da ANPED e, ainda, o Google Acadêmico. Pesquisamos, assim, as teses, as dissertações e os artigos científicos produzidos nos últimos dez anos no Brasil. Inicialmente, a proposta era investigarmos as produções dos últimos cinco anos, no entanto, como não encontramos muitas pesquisas relacionadas ao nosso tema, ampliamos o período das produções.

Restringimos os estudos por palavras-chave pertinentes à nossa pesquisa tendo em vista que, ao utilizarmos todos os indicadores juntos (comunicação família e escola, educação infantil e tecnologias digitais) não encontramos nenhum trabalho científico sobre o tema nestes bancos de dados². Conforme o Quadro 1, obtivemos 1553 registros sendo selecionados 18 que poderiam trazer alguma contribuição ao nosso estudo.

Quadro 1- Total de trabalhos científicos encontrados

Indicador	Total registros	Total selecionado
Comunicação família escola	168	8
Comunicação escolar	533	3
Escola Educação Infantil	458	3
Tecnologias digitais na escola	394	4
Total	1553	18

Fonte: Autora (2017)

Os trabalhos selecionados podem ser classificados de acordo com o Quadro 2, o que nos faz refletir sobre o quanto o tema da nossa pesquisa é atual e ainda necessita de novos estudos para ampliar o conhecimento a cerca do *Uso das Tecnologias Digitais como alternativa complementar à comunicação entre a família e a escola nas escolas de Educação Infantil*. Fica como sugestão para trabalhos futuros o questionamento do por que deste silenciamento tão significativo com relação às nossas questões de pesquisa tamanha sua importância para a prática e o dia a dia das escolas.

² Até 30 de julho de 2017 quando foi realizada a revisão final do estado de conhecimento.

Quadro 2 - Mapeamento das produções científicas selecionadas

Indicador	Doutorado	Mestrado	Artigos Científicos
Comunicação família escola	1	2	5
Comunicação escolar	0	2	1
Escola Educação Infantil	1	1	1
Tecnologias digitais na escola	1	3	0
Total	3	8	7

Fonte: Autora (2017)

No Apêndice A apresentamos o detalhamento sobre os trabalhos selecionados, contudo, a partir do mapeamento demonstrado no Quadro 2, da leitura e análise das produções, podemos perceber que há duas grandes áreas que estudam o tema proposto: a Educação e a Psicologia. Mesmo tendo alguns trabalhos recentes sobre a comunicação e a relação família/escola, poucos são sobre etapa da Educação Infantil e, na sua maioria, trabalham com a presencialidade dessa comunicação. Entretanto, trazem questões bem pertinentes ao nosso estudo como: a necessidade da escola adequar a sua linguagem para ser compreensível aos pais; o fato da escola ainda se ver como o centro do saber e, portanto, com o dever de ensinar também os pais sem levar em consideração suas características e necessidades; e o fato de que, com as mudanças ocorridas na sociedade, tanto a escola está tendo que se preocupar mais com o todo da criança (o que envolve também suas vivências familiares), quanto os pais têm mais acesso a informações sobre o desenvolvimento infantil e, assim, podem também contribuir com a escola.

Já com relação às Tecnologias Digitais, a maioria dos estudos traz o seu uso em sala de aula, com os alunos e, assim, a necessidade da formação do professor para que possa utilizar significativamente estes recursos. Sobre o uso de TD na comunicação com os pais, encontramos estudos de ferramentas específicas desenvolvidas para o Ensino Médio e para o Ensino Fundamental e nenhum estudo específico na Educação Infantil.

Sendo assim, a realização do Estado de Conhecimento proposto por Morosini e Fernandes (2014), contribuiu para a identificação de autores relevantes para a nossa pesquisa, para ampliação e atualização do referencial teórico e para apuração do que vem sendo investigado sobre a temática. Nesse sentido, essa pesquisa abre

possibilidades para o avanço do conhecimento já existente tendo em vista que pouco ou quase nada foi investigado sobre o tema das Tecnologias Digitais como alternativa complementar à comunicação entre a família e a escola na educação infantil, o que justifica o nosso estudo.

2.1 A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Ariès (2006), a criança nos séculos XV e XVI era vista como um pequeno adulto e, assim, participava de todos os afazeres e atividades realizadas pelos adultos. Foi somente no século XVIII que a criança começou a ser vista como diferente e, no século XX, a infância deixou de ser responsabilidade exclusiva da família e passou a ser da sociedade como um todo. Emergindo, assim, as primeiras instituições de educação infantil.

De acordo com Guimarães (2012, p.93) “Na sociedade brasileira do início do séc. XX, marcada pelo modelo patriarcal, o lugar ideal da mulher é o cuidado dos filhos, e o trabalho é visto como necessidade e, de certa forma, desvio”. Nesse contexto, a educação infantil surge com uma visão assistencialista ao se dedicar a cuidar dos filhos das mães que necessitavam trabalhar ou, então, daquelas crianças que eram abandonadas por suas famílias.

Por outro lado, segundo Oliveira (2011), no final do século XIX havia no Brasil o projeto social de construção de uma nação moderna e, com ele, veio o Movimento das Escolas Novas trazido pela influência americana e europeia. Assim surgiram os primeiros Jardins de Infância. De acordo com Carvalho (2003, p. 61) “Os primeiros jardins de infância criados no Brasil, firmados em modelos desenvolvidos noutros países e voltados para crianças mais abastadas foram precursores da atual pré-escola.” (p.61), sendo assim, tínhamos como atendimento às crianças o Jardim de Infância, que era para os ricos com modelos vindos de outros países e, as creches, que eram assistencialistas para cuidar de crianças pobres.

Esse panorama seguiu ao longo de anos nos quais foram surgindo diferentes concepções de educação além das lutas das mulheres por escolas para os seus filhos, dos questionamentos dos educadores sobre esses modelos e, ainda, do período militar. Contudo, conforme Oliveira (2011, p.115)

Lutas pela democratização da escola pública, somadas a pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino.

A concepção de Educação Infantil como um direito que deve ser garantido pelo Estado, proporcionou o surgimento de uma legislação específica que continua se aprimorando e qualificando com o passar dos anos. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº9394/1996), a educação infantil passou a ser considerada a primeira etapa da educação básica. A LDB traz no seu Art. 29 que “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Essa inclusão da Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica trouxe, ainda, uma mudança bastante significativa na concepção de educação que, a partir de então, passou a integrar as funções de cuidar e de educar.

Em 1998, o Ministério da Educação e do Desporto publicou o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Este documento foi encaminhado aos professores de educação infantil com o objetivo de, segundo o Ministro de Educação e do Desporto da época, Paulo Renato Souza, “...buscar soluções educativas para a superação, de um lado, da tradição assistencialista das creches e, de outro, da marca da antecipação das pré-escolas” (BRASIL, 1998, p.07).

No RCNEI (BRASIL, 1998), o desenvolvimento infantil foi dividido em dois grandes eixos: Formação Pessoal e Social; e Conhecimento de Mundo. No primeiro, constavam objetivos e conteúdos relativos aos processos de construção da identidade e da autonomia das crianças; já no segundo, apresentava objetivos e conteúdos a serem trabalhados a partir dos eixos movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática. Os objetivos e conteúdos eram, ainda, divididos em idades para crianças de zero a três anos e de quatro a seis.

O Referencial durante alguns anos norteou e fundamentou o trabalho das escolas de educação infantil. No entanto, conforme se foi avançando nos estudos sobre essa área, começou-se a discutir sobre a concepção de criança e de aprendizagem, pois o Referencial segregou as áreas de aprendizagem o que, na educação infantil, são

indissociáveis. Como afirmam Paniagua e Palacios (2007, p.14) “Uma criança está aprendendo e incorporando ativamente informações quando experimenta, quando observa, quando faz, quando ouve, e assim por diante”, sendo assim, podemos dizer que a criança aprende com o corpo todo, de forma integral.

Em 2010, o Ministério da Educação (MEC) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, afirmando que desde a Constituição de 1988 “O campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagem e do desenvolvimento das crianças” (BRASIL, 2010, p.07). Desta forma, as Diretrizes buscam “[...] orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares da Educação Infantil” (BRASIL, 2010, p.11).

Hoje, a etapa da Educação Infantil atende às crianças de quatro meses a cinco anos e onze meses de idade, integrando as questões de cuidar e educar a partir das Diretrizes propostas pelo MEC. E, de acordo com as Diretrizes, a concepção de criança é de um

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12)

Até os três anos e onze meses a Educação Infantil é optativa, a família pode escolher se deseja ou não inscrever a criança na escola. Já a partir dos quatro anos de idade, de acordo com a Lei nº 12.796/2013³, entrando em vigor no ano de 2016, toda criança deverá ser matriculada na Educação Básica e é responsabilidade dos pais ou responsáveis fazê-lo. Há, portanto, um novo desafio: receber na escola também aquelas famílias que antes optavam por ficar com os seus filhos em casa até o ingresso no ensino fundamental e, hoje, são obrigadas a fazê-lo um pouco mais cedo. A implantação dessa lei poderá provocar uma maior demanda pela educação infantil e, assim, mais famílias e escolas terão que construir seus diálogos, relações e parceria.

³ Lei nº 12.796/2013 que ajusta a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/1996) à Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009 que torna obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade.

Contudo, como a implantação desta lei é recente, seus efeitos no dia a dia das escolas infantis ainda merecem maiores estudos.

2.2 A FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

A família, ao longo da história da humanidade, tem sofrido transformações em sua formação. Há quem afirme que a família surge quando se forma um novo casal, outros, acreditam que ocorre quando o casal tem um filho, visto que o papel de pai e de mãe são vínculos eternos. Independente de como a família é formada, seu papel é muito significativo.

Segundo Lidz (1983), as famílias, sua formação e modos de vida estão mudando com a transformação da sociedade e da cultura. Ao mesmo tempo em que a família transforma a sociedade, a sociedade também transforma a família. São mudanças que vão ocorrendo de acordo com as necessidades e com o desenvolvimento da sociedade. Por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a ida mais cedo das crianças às escolas infantis, os pais terem que trabalhar turno integral para garantir a sustentabilidade de seus filhos. Todas estas questões influenciam a família e a sociedade, que precisa se reestruturar para dar conta destas novas demandas.

O homem e a mulher também têm assumido diferentes papéis com estas mudanças. Vemos mães que sustentam suas famílias, pais que ficam em casa cuidando dos filhos, famílias em que os avós ainda trabalham e outras em que eles assumem os netos enquanto os pais trabalham, além daquelas famílias monoparentais ou das constituídas por outros membros que assumem a responsabilidade sobre os pequenos como um irmão mais velho. Sendo assim, para o presente estudo, entenderemos família como um grupo de indivíduos no qual há a responsabilidade de atender às necessidades de cuidado e proteção da criança como, também, de lhe transmitir valores e instruí-la para a vida em sociedade.

De acordo com Savater (2012) a família é responsável pela “socialização primária” da criança o que, para o autor, seria a possibilidade do indivíduo distinguir entre o que é bom e o que é mau segundo a comunidade a que pertence. De acordo com Savater (2012, p.55) “Antes de entrar em contato com seus professores, já

experimentaram amplamente a influência educacional de seu entorno familiar e de seu meio social, que continuará sendo determinante – quando não decisivo – durante a maior parte do ensino primário”. Já a escola, os amigos e outros grupos sociais realizariam a “socialização secundária”, ampliando e especificando a base construída em família.

Cabe salientar, ainda, que para o autor, as aprendizagens realizadas em família são permeadas pelo afeto e funcionam via exemplo. Sendo assim, segundo Savater (2012, p.64) “Se os pais não ajudam os filhos, com sua autoridade amorosa, a crescer e a se preparar para serem adultos, as instituições públicas se verão obrigadas a lhes impor o princípio de realidade, não com afeto, mas à força. E, deste modo, só se conseguem crianças desobedientes envelhecidas, não adultos livres”.

A relação entre sociedade, pais e filhos reflete algumas funções da família, pois em sendo um subgrupo da sociedade, a família representa e ensina a viver para que todos possam emergir dela para a sociedade mais ampla. Assim como temos aqueles pais que desde pequenos “largam” os seus filhos na rua para que aprendam a “se virar”, temos também aqueles que criam seus filhos em grandes “bolhas” e que buscam protegê-los sem se dar conta de que, mais tarde, o filho terá que enfrentar uma sociedade e se libertar dessa imensa proteção. A união entre proteção e cuidado, mas também o incentivo para a independência e o suporte para o crescimento são as bases de uma educação saudável para todo indivíduo.

No que diz respeito à família, geralmente há um grande envolvimento emocional, diferentemente do envolvimento afetivo no meio educativo. Como afirmam Paniagua e Palacios (2007, p.154) sobre a estimulação do desenvolvimento infantil “No meio educativo deve ser uma ação altamente reflexiva, orientada por objetivos explícitos e por um conhecimento das capacidades que se pode e que se deve impulsionar a cada momento”. É importante salientar, contudo, que não há educação infantil sem afeto, no entanto, o afeto da família difere do afeto do educador e da escola, pois os vínculos da criança são diferentes. Afetivamente o educador pode refletir sobre a criança e suas necessidades pensando em recursos para estimular o seu crescimento. Na família, geralmente o envolvimento emocional é muito maior e, portanto, fica mais difícil olhar objetivamente para algumas destas questões.

A criança está em formação e, portanto, as duas principais instituições que ela frequenta precisam se comunicar tendo clareza sobre um dos mais importantes objetivos

da educação infantil: a formação integral da criança. Como observa Silva (2011, p.167) “A criança é uma só, em casa e na escola, e para seu desenvolvimento e bem-estar é preciso que ambas as instâncias se comuniquem e troquem informações”. Desta forma, o diálogo, a escuta e as trocas favorecem a construção de uma relação de parceria entre a família e a escola.

Zabalza (1998), ao abordar a importância da escola trabalhar com pais e mães na educação infantil, demonstra que essa participação enriquece a atividade educativa devido a um dos objetivos básicos da educação infantil “[...] que as crianças conheçam cada vez melhor o seu meio de vida e tornem-se donas do mesmo para ir crescendo com autonomia” (p.55). Quanto mais coerente for a mensagem e o exemplo passados à criança, mais significativa será sua aprendizagem. Quanto mais a escola e a família trabalharem de forma cooperativa, construindo ideias e buscando objetivos comuns, mais veremos o desenvolvimento das crianças.

É importante salientar, no entanto, que

[...] a ação educativa dos pais difere, necessariamente da escola, nos seus objetivos, conteúdos, métodos, no padrão de sentimentos e emoções que estão em jogo, na natureza dos laços pessoais entre os protagonistas e, evidentemente, nas circunstâncias em que ocorrem. (SZYMANSKI, 2001, P.64)

Desta forma, escola e família precisam ter claros os seus papéis para que eles não se interponham e o respeito mútuo é fundamental para a construção de um relacionamento saudável que trará benefícios à criança.

Alguns objetivos são comuns e necessitam de trabalho em conjunto, outros são específicos de cada instituição. Por exemplo, é responsabilidade da escola construir com as crianças algumas noções matemáticas, a família não necessita ensinar às crianças a quantificar ou a seriar; assim como é papel da família construir valores, proteger e fortalecer emocionalmente as crianças. Enfatizamos, portanto, a importância da comunicação na educação infantil visando uma aproximação para com as famílias e, assim, um trabalho conjunto, em parceria.

Nesse processo, segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 287) “Convém lembrar que não existe família-padrão e que cada uma é diferente, tem a sua história e a sua forma peculiar de regular-se”. Sendo assim, a escola precisa estar aberta a ouvir e

compreender as famílias, sem julgá-las, para que elas se sintam à vontade de participar das ações da escola.

De acordo com Santos (2008, p. 21) “Para realizar qualquer ato comunicativo, os indivíduos precisam utilizar sinais que sejam reconhecidos por seus interlocutores”. A comunicação pode, assim, contribuir para esta relação desde que a linguagem utilizada e o meio sejam acessíveis e compreendidos por todos, o que exige qualificação dos educadores e conhecimentos sobre as principais características das famílias com as quais estamos trabalhando. Para Bassedas, Huguet e Solé (1999, p.287)

Em um clima de respeito e valorização mútua, presididos pela segurança da discricção e pela confidencialidade, será possível combinar estratégias, coisas concretas e alcançáveis que consideramos necessárias para adequação ao desenvolvimento da criança.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) afirmam, ainda, que as instituições de Educação Infantil devem assumir a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias. E, de acordo com Guimarães (2012, p.92), “Complementaridade pressupõe parceria, encontro e diálogo, o que se contrapõe a ideia de substituição, que supõe disputa de lugar, poder e saber nas relações com as crianças”. Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999), uma das riquezas e potencialidades para a criança é justamente ela vivenciar contextos nos quais encontrará coisas, pessoas e relações diversas para ir se constituindo como sujeito.

A presença da família na escola e/ou a informação passada aos pais diariamente sobre os filhos vão fortalecendo a confiança e criando esta parceria. De acordo Bassedas, Huguet e Solé, (1999, p.290)

Na etapa da educação infantil, convém propor que as famílias conheçam e valorizem o que se faz na escola, já que se apresenta muito difundida a ideia de que as crianças pequenas vão brincar e que não é preciso saber muito para que joguem, brinquem, para trocá-las ou para dar-lhes de comer, é preciso ter paciência, boa disposição, gostar de crianças, etc.

Para os autores (1999), quanto mais a família for chamada a conhecer o que está sendo realizado na escola, mais os dois mundos – família e escola- se aproximam, o que

favorece aprendizagens mútuas nas quais cada pessoa pode trazer uma experiência, um saber, uma maneira de fazer diferente e enriquecedora.

A comunicação família e escola torna-se, assim, fundamental para a troca de conhecimento, informações e construção de uma relação tendo como objetivo o pleno desenvolvimento infantil. A escuta e o respeito são necessários para que a relação diária se transforme em uma parceria, o que trará ainda mais benefícios para a criança.

2.3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEU USO NA ESCOLA

Para Levy (1999, p.25) “A emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização”. O ciberespaço é, portanto, o espaço virtual que por meio de recursos tecnológicos digitais permite a comunicação entre pessoas. Como já previa o autor “A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século” (p.93). E é assim que percebemos hoje.

A internet no Brasil, de acordo com Santaella (2013), teve seus primeiros movimentos nos anos 90. E, conforme ela começou a se expandir, a escola foi se apropriando dela e dos seus recursos, incorporando o seu uso.

De acordo com Santaella (2013) a introdução de microcomputadores pessoais e portáteis, também a partir da década de 90, proporcionou uma crescente expansão do uso das tecnologias. No entanto, foi o surgimento das mídias móveis como celular e *tablets* que modificaram radicalmente a relação entre as pessoas e a comunicação.

Se, quando surgiram, as tecnologias digitais necessitavam de um espaço e um tempo apropriados como ir até o computador para realizar uma pesquisa, hoje, segundo Santaella (2013), a emergência das mídias móveis, como celulares e *tablets*, instaurou a hipermobilidade. Acessamos o ciberespaço em qualquer lugar e a qualquer momento, o que traz o conceito de ubiquidade trabalhado pela autora a partir do qual podemos viver ao mesmo tempo na realidade virtual e na presencial, estando em varias lugares simultaneamente.

Segundo Santos (2008) “[...] as transformações advindas das conquistas tecnológicas fazem-se refletir na sociedade e na maneira como as pessoas se

comunicam” (p.67). Se, há algum tempo atrás, a comunicação era realizada através de cartas e telegramas, hoje, ela se dá instantaneamente mesmo com pessoas que estejam fisicamente distantes e, todas essas evoluções têm influenciado tanto a maneira das pessoas se comunicarem quanto o acesso a informações.

De acordo com Castells (2003, p.225) “A Galáxia da Internet é um novo ambiente de comunicação. Como a comunicação é a essência da atividade humana, todos os domínios da vida social estão sendo modificados pelos usos disseminados da Internet”. Para o autor, não temos como saber se estas mudanças serão positivas ou negativas, no entanto, Castells (2003) afirma categoricamente que não tem como alguém se excluir desse processo de mudanças vivendo na nossa sociedade, visto que a tecnologia vai atingir a todos.

Segundo Levy (2015, p.2) “A computação ubíqua, que já faz parte da nossa paisagem, vai se generalizar fazendo com que a maioria esteja permanentemente conectada”. Percebemos, assim, que as transformações ocorridas com o uso da internet e das tecnologias são permanentes, ou seja, não temos como desfazê-las. No entanto, elas ainda vão sofrer novas e importantes mudanças à medida que a Internet evoluir, que mais pessoas tiverem acesso e que os recursos (móveis e digitais) forem sendo ampliados.

Conforme afirma Primo (2007, p.33) “[...] boa parte dos estudos da interação mediada por computador continuam enfatizando apenas a capacidade da máquina, deixando como coadjuvante as relações sociais”. No entanto, compreendemos que a tecnologia sozinha não tem sentido nem gera significado, pois ela depende do uso que as pessoas fazem tanto para o bem quanto para o mal.

A sociedade contemporânea está, assim, a cada dia mais conectada, com acesso a um grande número de informações e utilizando diversos recursos tecnológicos. E, ainda, como afirma Levy (2016, p.3), “A internet do futuro será mais sofisticada e menos atrelada aos meios convencionais. Ainda não usamos todas as possibilidades da internet”.

Com todo esse movimento na sociedade, a escola não tem como se excluir. E muitas estão buscando alternativas para se adaptar a essas mudanças. As tecnologias digitais podem, assim, ser um recurso adicional utilizado pela escola para se comunicar com as famílias, principalmente na Educação Infantil quando esta relação é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Desta forma, as escolas têm buscado, a

cada dia, atender às demandas das famílias e da sociedade ao inserir-se no “mundo digital” através de sites, informativos, e-mails, redes sociais, câmeras de monitoração e agendas virtuais.

O uso de tecnologias digitais e da internet em sala de aula bem como a formação dos professores tem sido amplamente estudado e discutido. No entanto, como o uso das TD para a comunicação escola-família pela escola de Educação Infantil é recente, ainda são necessários estudos para comprovar se este realmente é um recurso válido que contribui para a comunicação e, assim, para a construção e fortalecimento da relação entre a escola e a família.

3 CAMINHOS DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como eminentemente de cunho qualitativo apoiada por um estudo de caso.

Segundo Denzin e Lincon (2006), na pesquisa qualitativa “[...] seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (p.17). Sendo assim, não temos interesse apenas, por exemplo, na quantidade de TD que cada escola utiliza e, sim, em como se dá esse uso, como e por que elas foram escolhidas, quais as possibilidades e os desafios encontrados nesse processo. Ou seja, pretendemos investigar para compreender o fenômeno.

Já o estudo de caso foi escolhido como estratégia (método) para observar esse fenômeno, pois de acordo com Yin (2015, p.04)

Quanto mais suas questões procurarem explicar alguma circunstância presente (por exemplo, “como” ou “por que” algum fenômeno social funciona), mais o método do estudo de caso será relevante. O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e “profunda” de algum fenômeno social.

De acordo do Gibbs (2009) na análise qualitativa temos que observar duas atividades que são: perceber quais dados podem ser analisados e como podem ser explicados e, depois, desenvolver atividades adequadas aos tipos de dados e às informações que devem ser analisadas. O autor afirma, ainda, que o procedimento de análise qualitativa não busca reduzir dados e, sim, descrever detalhadamente contribuindo para a compreensão e análise do contexto estudado.

Como o uso de tecnologias digitais pelas/nas escolas é um tema bastante atual e, na relação com as famílias em escolas de educação infantil, ele não possui tradição de pesquisa na área de Educação no contexto brasileiro, justificamos assim a relevância e importância deste estudo. A abordagem qualitativa baseada no estudo de caso auxilia nosso estudo e suas interpretações na medida em que buscamos investigar *Como o uso das Tecnologias Digitais pode complementar a comunicação entre a família e escola de Educação Infantil?* identificando, compreendendo e refletindo sobre este fenômeno: o uso recente das TD pelas escolas de Educação Infantil para a comunicação com as famílias.

3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa foi realizada em nove Escolas de Educação Infantil Privadas de Porto Alegre, que atendem exclusivamente à Educação Infantil (etapa da Educação Básica para as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses).

O uso de tecnologias requer investimento financeiro e uma infraestrutura adequada para que ele seja efetivo. Sendo assim, optamos por realizar a investigação nas escolas de educação infantil privadas, que, normalmente, têm mais recursos para este investimento. Já o recorte de escolas que atendem apenas à Educação Infantil foi realizado pelo mesmo motivo, pois se comparássemos escolas privadas de Educação Básica com as exclusivas de Educação Infantil com certeza teríamos uma diferença muito significativa tanto de estrutura quanto de recursos.

A escolha das instituições que participaram da presente pesquisa deu-se a partir de um minucioso procedimento de amostragem, resultando na participação efetiva de nove escolas privadas de educação infantil de Porto Alegre.

Os sujeitos da pesquisa foram gestores e coordenadores pedagógicos das escolas uma vez que são os agentes que tomam as decisões com relação ao uso de TD em função do tempo necessário para a realização do nosso estudo. Totalizando, ao final, entrevistados oito gestores e quatro coordenadores pedagógicos.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada em três etapas, sendo as duas primeiras relacionadas à coleta de dados e, outra, dedicada à análise dos dados obtidos:

- a) Procedimento de amostragem: Realizamos uma aproximação com o campo de pesquisa através de um questionário *online* autoaplicável construído no *Google Forms* que foi enviado em um *link* por *e-mail* a todas as escolas de Educação Infantil privadas de Porto Alegre, como ilustra o Apêndice B. E, partir das respostas, efetivamos a prospecção das escolas que desejaram participar da segunda etapa; ou seja, usamos os dados quantitativos apenas como entrada para seleção das escolas onde fizemos a coleta das informações, razão pela qual classificamos nossa pesquisa como eminentemente qualitativa. De acordo com Flick (2009, p.160)

Hoje em dia é uma espécie de padrão ético trabalhar com base no consentimento informado dos participantes, o que significa informá-los sobre a pesquisa e de que eles fazem parte de um projeto e solicitar sua participação no projeto formalmente (um contrato escrito assinado).

Sendo assim, enviamos, junto ao Questionário o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), informando aos participantes sobre o tema e os objetivos da nossa pesquisa e dando-lhes a opção de participar ou não, respeitando sempre a sua decisão.

Já a escolha pelo uso do questionário deu-se a partir dos objetivos da nossa pesquisa e das vantagens deste uso, como “[...] possibilita atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa” (GIL, 1999, p.128). De acordo com o autor, o questionário consiste em traduzir em questões específicas os objetivos da pesquisa.

Como nossa intenção inicial era entrar em contato com todas as escolas de educação infantil privadas de porto alegre, a realização de um questionário foi decidida para podermos atingir o maior número de escolas dentro do prazo estabelecido de 60 dias em que ele ficou *online*.

- b) Coleta de dados no escopo selecionado: No momento seguinte, entrevistamos os gestores e coordenadores pedagógicos que foram indicados pelas escolas que aceitaram participar desta segunda etapa. As entrevistas foram realizadas nas escolas em horários combinados previamente entre os gestores e a pesquisadora, mediante apresentação e assinatura do TCLE e gravadas com o uso de dispositivo móvel a partir da autorização dos entrevistados, como ilustra o Apêndice C. Inicialmente, tínhamos como critério realizar as entrevistas nas escolas onde o uso de TD acontece há mais de dois anos e existissem pelo menos dois tipos de TD utilizadas. No entanto, ao final do procedimento de amostragem, percebemos que poderíamos buscar a fala de todos aqueles que demonstraram interesse e assim o fizemos. As entrevistas somente foram realizadas nas escolas que responderam afirmativamente sobre participar desta segunda etapa através do envio do seu contato.

A escolha pela realização de entrevistas deu-se, principalmente, pelas suas vantagens com relação à coleta de dados. Como afirma Gil (1999, p.117) “A

entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações a cerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram”, sendo assim, a realização das entrevistas nos possibilitou a compreensão sobre o fenômeno contemporâneo do uso de TD pelas escolas na comunicação com as famílias.

Utilizamos entrevistas semiestruturadas, seguindo a orientação de Duarte (2005, p.66)

O pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a perguntas específicas.

E, para o autor, outra vantagem deste tipo de pesquisa está em que o roteiro também ajuda na descrição e análise em categorias.

3.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A presente investigação caracteriza-se por ser uma pesquisa envolvendo seres humanos na área da educação e foi conduzida em conformidade com os princípios éticos, não apenas em momentos específicos, mas sim ao longo de todo o processo de condução desta investigação (PADILHA et al., 2005).

O trabalho foi cadastrado no Sistema de Pesquisa da PUCRS (SIPESQ), por ocasião da apresentação da proposta de dissertação, tendo sido aprovado pela Comissão Científica da unidade à qual o PPGEDu está vinculado e homologado pelo Comitê de Ética na Pesquisa desta universidade, conforme apresentado na Figura 2. Observe que o nome do trabalho foi modificado em função dos movimentos inerentes ao trabalho de pesquisa e, assim sendo, o título final buscou alinhamento com o resultado obtido.

Figura 2 - Cadastro da Pesquisa no SIPESQ

7783	A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA PERMEADA PELO USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Projeto de Pesquisa reconhecido pela Comissão Científica em 05/01/2017, como um Projeto de Pesquisa que atende aos requisitos da Comissão Científica.
------	---	---

Fonte: Autora (2017) adaptado do SIPESQ.

Desta maneira, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destinado aos sujeitos da pesquisa, e anexado a todos os instrumentos de coleta de dados, conforme Apêndices B e C em que esses declararam ciência em relação aos objetivos e metodologias que foram utilizadas na investigação, bem como foi respeitada a individualidade de cada sujeito, e a todos os participantes foi dada a possibilidade de desistência da participação desta pesquisa ao longo de todo o processo.

Embora a pesquisa tenha envolvido um questionário respondido pelas escolas, bem como uma entrevista que foi realizada com os gestores e coordenadores pedagógicos, ela não acarretou riscos que pudessem causar danos materiais ou morais aos respondentes. Buscando zelar pelo anonimato das pessoas envolvidas neste processo, identificamos as escolas com letras (A, B, C, D, E, F, G, H e I) e utilizamos, ao lado da letra, o número 1 para o gestor/proprietário e o número 2 para o coordenador pedagógico.

3.4 PROCEDIMENTO DE AMOSTRAGEM

Tendo a primeira etapa da Educação Básica como objeto de estudo, iniciamos a construção de um *mailing*⁴ das escolas privadas que atendem à Educação Infantil em Porto Alegre. Para tanto, entramos em contato com três grandes instituições que representam e organizam estas escolas: o SINEPE-RS (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Privado do Rio Grande do Sul); o SINDICRECHES (Sindicato Intermunicipal dos Estabelecimentos de Educação Infantil do Estado do Rio Grande do Sul) e o SEREEI (Setor de Regularização dos Estabelecimentos da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre).

O SINEPE nos forneceu uma lista das Escolas Privadas de Educação Básica de Porto Alegre que possuem educação infantil. Já no *site* do SINDICRECHES, obtivemos uma lista das escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre que são sindicalizadas e, a partir dela, buscamos os dados das escolas como telefone e e-mail

⁴ *Mailing* é uma palavra inglesa que significa, de acordo com o *Cambridge Dictionary* “ O ato de enviar cartas, pacotes ou mensagens eletrônicas para muitas pessoas ao mesmo tempo”. No Brasil, utilizamos o termo, ainda, ao nos referirmos a uma lista de *e-mails* para os quais enviamos algum material. (2017, tradução nossa) disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/ mailing> > acesso em 25 nov. 2017.

para entrarmos em contato. No entanto, como nosso objetivo inicial era obter o contato de todas as escolas privadas que atendem apenas a etapa da educação infantil em Porto Alegre, continuamos nossa busca através do SEREEI.

De acordo com a LDB (lei nº 9394/1996), a Educação Infantil é responsabilidade dos municípios. Sendo assim, o SEREEI é o setor da SMED (Secretaria Municipal de Educação) que faz o registro e o credenciamento destas escolas. A partir de contato por e-mail, obtivemos uma lista com o nome e telefone de todas as escolas de educação infantil privadas de Porto Alegre registradas no SEREEI. A lista fornecida, no entanto, não possuía os e-mails das escolas. Desta forma, tivemos que identificar as escolas e solicitar os e-mails a partir do acesso aos sites ou telefonemas, incluindo, assim, o dado que necessitávamos. A lista inicial tinha 286 escolas e, destas, 31 não conseguimos localizar nem por telefone, nem por pesquisa *online*. Sendo assim, ficamos com 255 escolas com os seus respectivos *e-mails*.

Inicialmente, construímos um questionário *online* autoaplicável de aproximação com o campo de pesquisa para o procedimento de amostragem, cujo objetivo foi identificar como e quais Tecnologias Digitais são utilizadas pelas escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre na comunicação com os pais. Esse questionário foi construído no *Google Forms* e enviado por e-mail para as 255 escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre. Destes, 32 e-mails retornaram mesmo após conferência dos dados. Sendo assim, de todas as escolas de educação infantil fornecidas pelo SEREEI, 223 receberam o e-mail com o Questionário autoaplicável, processo descrito na Figura 3.

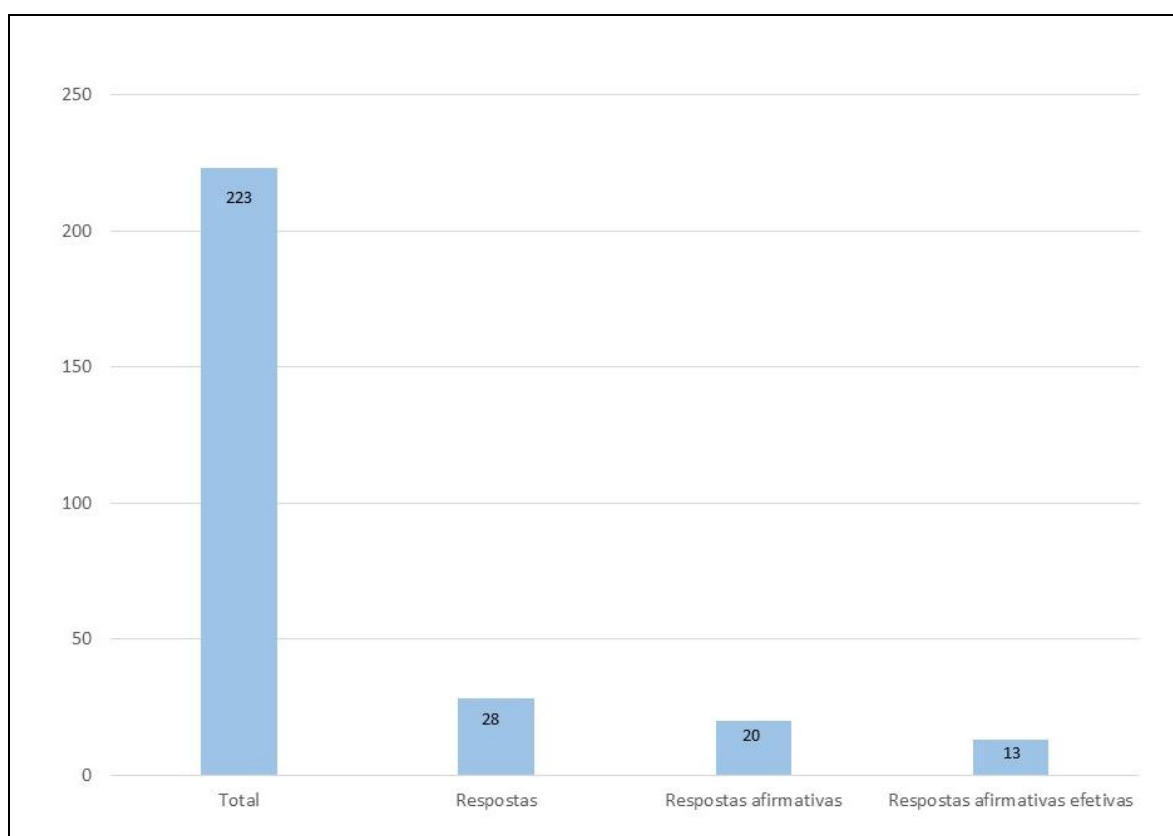
Figura 3- Procedimento de amostragem inicial



Fonte: Autora (2017)

Das 223 escolas que receberam o Questionário, 28 responderam, o que corresponde a 12,55% do total de escolas. E, destas, 20 responderam afirmativamente a última pergunta na qual questionávamos se gostaria de participar da segunda etapa da nossa pesquisa. Das 20 respostas afirmativas, 11,15% do total de escolas: duas não forneceram identificação, o que as excluiu do processo de pesquisa; quatro utilizaram e-mail pessoal sem identificação da escola e, ao enviarmos o e-mail de apresentação da entrevista, não obtivemos retorno, o que também excluiu estas escolas do processo; ficamos, assim, com 14 escolas com identificação e que responderam afirmativamente sobre participar das entrevistas. E, logo no primeiro contato realizado por e-mail, uma das escolas desistiu da sua participação, restando, então, 13, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Caminhos do Procedimento de amostragem



Fonte: Autora (2017)

Com as treze escolas de respostas afirmativas efetivas, entramos em contato primeiramente por e-mail e, depois, por telefone. Foram, ao todo, quatro contatos via e-mail e quatro por telefone dentro do prazo que havíamos estabelecido para a coleta de

dados. As escolas que não retornaram para agendar a entrevista dentro do prazo estabelecido de 60 dias também foram excluídas da pesquisa. Sendo assim, das treze escolas inicialmente interessadas, realizamos as entrevistas em nove, o que corresponde a 69% do total de escolas que demonstraram querer participar do processo da pesquisa, como ilustra a Figura 4.

Figura 4 – Procedimento de amostragem final



Fonte: Autora (2017)

3.5 RECURSOS UTILIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Os recursos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram as horas de dedicação da orientadora e da pesquisadora, sendo que a última contou com bolsa parcial do órgão de fomento CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que apoia o pagamento das taxas do curso de mestrado. Além disso, recorreu-se a recursos próprios da pesquisadora e da infraestrutura da universidade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Realizamos a análise dos dados utilizando o processo definido pela Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2011) a qual é uma metodologia que se encontra entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso e, desta forma, possui características próprias que devem ser seguidas para a qualidade de sua produção final, chamada metatexto. Como afirmam os autores, a ATD é

[...] um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. (MORAES e GALIAZZI, 2011, p.12)

Sendo assim, inicialmente, transcrevemos as entrevistas realizadas. Tendo os dados em forma de texto, partimos para sua “desconstrução” e “unitarização” na qual reorganizamos os trechos selecionados buscando encontrar algo em comum entre eles. A partir desta reorganização emergiram algumas subcategorias que serão descritas a seguir. Contudo, cabe salientar aqui que, para os autores, um texto nunca está completamente finalizado tendo em vista que, a cada leitura, podem ser acrescentadas novas percepções e novos conhecimentos. Segundo Moraes e Galiazzi (2011) “[...] uma produção escrita, resultante de uma análise textual discursiva, é composta de descrições, interpretações e argumentos integradores” (p.104) o que faz com que o pesquisador crie algo novo e original, construindo e contribuindo com novos conhecimentos.

Tínhamos, previamente, a definição de duas categorias:

- Possibilidades;
- Desafios.

Estas categorias foram construídas para orientar o processo de análise dos dados tendo em vista os objetivos específicos desta investigação, a saber:

1. Identificar quais Tecnologias Digitais são utilizadas na comunicação complementar com os pais das crianças nas escolas privadas de Educação Infantil de Porto Alegre.

2. Compreender a contribuição destas tecnologias, considerando a opinião dos gestores e dos coordenadores pedagógicos das escolas, como complemento à sua comunicação com os pais.

A esses dois objetivos (1 e 2) associamos à categoria possibilidades.

O 3º objetivo:

Refletir acerca das implicações decorrentes da adoção de tais recursos como complemento a sua comunicação com os pais. Foi associado à categoria desafios.

O processo de coleta dos dados, especialmente, as interações ocorridas nas entrevistas, agregaram informações muito relevantes que nos permitiram compreender melhor a riqueza das informações. Os registros feitos pela pesquisadora, a observação rigorosa do processo de unitarização, agrupamento e refinamento dos dados, reflexão pessoal, articulação com referencial teórico e a experiência do desenvolvimento da pesquisa, nos mostrou a necessidade de criar subcategorias para melhor organizar os achados. Apresentaremos os resultados de nossa análise em duas seções cujos títulos contêm o nome das duas grandes categorias.

4.1 POSSIBILIDADES

As possibilidades do uso da Internet e das tecnologias digitais no ambiente escolar indicadas no referencial teórico utilizado para esta pesquisa convergem no conjunto de escolas analisadas. Ou seja, as tendências apontadas na literatura se comprovam na prática destas escolas, como afirma Giraffa (2009, p. 26) “A evolução da tecnologia e o uso cada vez mais frequente e diria quase absoluto de aplicações na Web possibilitaram que ferramentas e serviços também fossem percebidos como possibilidades para uso educacional”. Cabe destacar que muitas das tecnologias não foram criadas para ambiente escolar, porém, a escola se apropriou delas trazendo novos recursos, possibilidades e benefícios para qualificar o seu processo educativo compreendido, na Educação Infantil, sempre na relação de parceria entre a família e a escola. Como ilustram as falas a seguir sobre os motivos que levaram as escolas a utilizarem as tecnologias:

“Os motivos foram para justamente facilitar, né, a comunicação com os pais. Também tem a questão de segurança, vamos dizer assim, como a gente trabalha com criança, né? Então para ser uma... vamos dizer assim, no momento em que uma criança fica doente ou tenha dado algum problema a gente possa ter um canal de comunicação mais rápido com os pais. Claro, telefone também, né, não deixa de ser um veículo de comunicação também eficiente. Mas a gente vê que tem uma resposta bem positiva, né, utilizando esses veículos. Sempre procurando estar conectado, vamos dizer assim... criar uma rede, uma network, é assim que se chama, entre os pais e a escola através das mídias digitais, né? Realmente elas auxiliam bastante. ” (D1).

“Tá aí, né, todo mundo utiliza. ” (C1).

“A gente aqui pensa que não dá pra ficar parada no tempo. Ficar parada numa educação que acontecia, porque as próprias crianças já nascem envolvidas com a tecnologia. E isso também tem tudo a ver com cuidados com o planeta, com sustentabilidade. Então, na verdade a ideia do uso da tecnologia é poder acompanhar o que acontece no mundo, né?” (F2).

A agilidade, a simultaneidade e o fato das Tecnologias Digitais estarem disponíveis sem gerarem, necessariamente, um custo adicional à escola também foram fatores decisivos para a adoção do seu uso. O gestor (B1) da escola B, com relação aos pais, salienta que: *“Dá pra afirmar que 100% deles têm celular e que trabalha com o celular bem, né, assim, lida bem com celular, por isso que a gente optou por fazer.”* A coordenadora pedagógica (H2) da escola H destaca que: *“Por ser mais prático, né, e a tecnologia tá toda aí. Os pais também cobram isso, né? E como a gente trabalha numa classe, como é que eu te digo, em um nível que todo mundo tem esse acesso e tu vê os e-mails no teu próprio celular, né, isso facilita muito pros pais, né, essa comunicação. ”.*

Já tomada de decisão com relação ao uso e seleção dos recursos a serem utilizados, em todas as escolas pesquisadas, foi realizada pela gestão, incluindo diretores, administradores e coordenadores pedagógicos. Após a decisão inicial, as escolhas foram informadas aos educadores e aos pais. Sendo assim, as contribuições dos educadores e dos pais, geralmente, têm relação a sugestões ou melhorias de uso para cada TD e não a tomada da decisão sobre usar ou não.

Há, ainda na Educação Infantil, uma peculiaridade bastante importante: como estamos tratando de crianças pequenas (de 0 a 5 anos) a comunicação entra a escola e a família torna-se ainda mais necessária seja para pequenas situações do dia a dia como avisar de uma febre, um machucado ou o esquecimento de algum material até informações mais gerais como programação de eventos e cardápios. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) as instituições de educação infantil devem assegurar às famílias a participação, o diálogo e a escuta cotidiana, o respeito e a valorização das suas formas e organização. Para a escola G, essa reflexão sobre o uso das tecnologias e a comunicação foi o ponto inicial para a tomada de decisão *“O que nos moveu nesse momento era isso. Era como nós gostaríamos de comunicar o nosso trabalho de um modo mais efetivo. Era como não estava bem a comunicação, nisso a tecnologia estava aí e nós começamos a pensar em fazer uso dela.”* (G1).

Guimarães (2012) trata da importância da relação entre a família e a escola afirmando que quando a família se sente bem e segura, a criança também terá esse sentimento. Essa troca de informações sobre a criança no seu dia a dia faz com que a escola e a família fortaleçam essa relação tendo como objetivo principal o pleno desenvolvimento e o bem-estar da criança. Para o gestor (B1) da escola B, é fundamental termos cuidados com esta relação, pois *“É uma relação com uma coisa que é o mais importante para a família, Ele não pode simplesmente amanhã não trazer o filho, dá uma confusão muito grande pra criança, pra família, né, então é uma relação diferente.”* (B1). Segundo a autora “Para ambas, família e instituição de Educação Infantil, o compartilhamento da educação das crianças pequenas marca-se por diversas ações cotidianas onde há escuta, troca, valorização da experiência do outro” (GUIMARÃES, 2012, p.97).

A partir das entrevistas e das observações realizadas no processo de coleta de dados, constatamos, no entanto, que somente três escolas das nove entrevistadas realizam uma avaliação formal sobre o uso das TD. As que o fazem, incluem uma ou duas perguntas na sua avaliação anual sobre os diversos aspectos da escola, já as demais têm uma avaliação informal com base nas falas e observação das interações realizadas pelas famílias como afirmam os gestores e coordenadores pedagógicos das escolas.

“A gente tem um retorno diário, assim, porque eles comentam, eles pedem tipo - ai, não estou conseguindo acessar- e tu diz, quando tranca, - aí, faz assim - , aí vem aquela - ai, comprei um celular -. Então, assim, a gente tem um retorno diário da importância. ” (A1).

“Por enquanto estão gostando muito das agendas” (B1), sobre as agendas eletrônicas.

“A gente notou uma satisfação melhor... ãh, de por exemplo a função de que eles recebem muitas fotos, né? Isso, assim, as pessoas ficaram mais satisfeitas. A coisa ser mais palpável, visualizar mais rápido, assim. Isso é uma coisa que a gente pergunta também lá na pesquisa de satisfação “se as famílias... se ok assim, se tu acha que o uso do Facebook... se o nosso perfil do Facebook tá sendo adequado” e, assim, é 100%, não existe incomodo de ninguém. ” (E1).

“Nosso Site a gente agora atualizou, né, com bastante coisas novas, enfim, e os pais gostaram bastante, estão visualizando bastante isso, né, e isso é uma forma da gente se aproximar bastante com eles, né?” (H2).

As escolas fazem, no entanto, diferentes usos das tecnologias e dos softwares/aplicativos disponíveis através da Internet. Como afirma Primo (2007, p.101) “Cada meio oferece simultaneamente certas possibilidades e certas limitações à interação. Portanto, nesse sentido, não resta dúvida de que uma conversação através de e-mail, de um *chat* ou em uma praça não podem ser igualadas”. Estes usos são definidos de acordo com as necessidades, percepções e concepções de cada escola, como ilustra o Quadro 3 sobre as tecnologias que são utilizadas por cada escola participante da pesquisa.

Quadro 3 – Tecnologias utilizadas por cada escola

Escolas e tecnologias	WhatsApp	E-mail	Facebook	Site	Câmeras	Agendas Eletrônicas
A	X		X		X	
B	X	X	X	X		X
C		X	X	X		
D	X	X	X	X		
E	X		X	X	X	X
F	X		X	X	X	X
G	X	X	X	X	X	
H	X	X	X	X		
I	X	X	X	X		

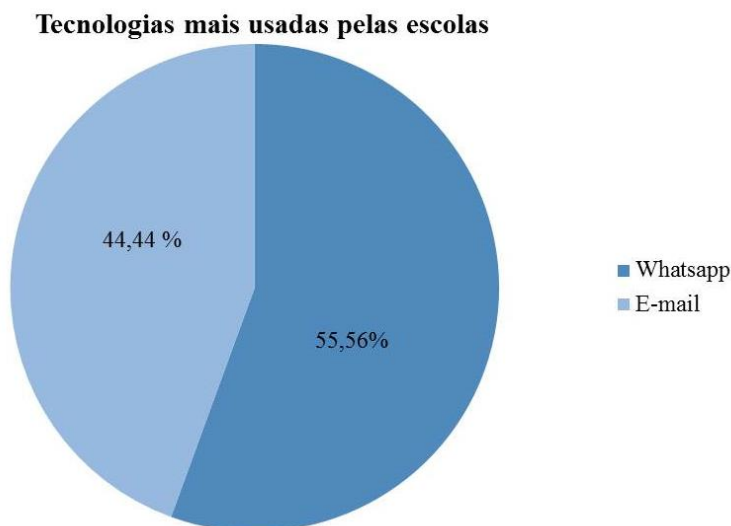
Fonte: Autora (2017)

Percebemos, a partir da análise do Quadro 3, que o Facebook é o único recurso que é utilizado por todas as escolas entrevistadas, sendo seguido pelo WhatsApp e pelo Site usados por oito das nove instituições. No entanto, quando perguntamos às escolas qual a tecnologia que elas mais utilizam, há uma polarização entre o WhatsApp, preferido por cinco escolas, correspondendo a 55,56%; e o e-mail, escolhido por quatro, o que corresponde a 44,44%, como está exemplificado no Gráfico 2. Ou seja, existe uma diferença entre o uso cotidiano e aquele “institucionalizado”. O Facebook é a rede social mais conhecida e criou-se uma espécie de “standard” relacionado a ela. Logo, imagina-se que as escolas têm “Face” como elemento de atração de interessados e prospecção de novos clientes/famílias como destaca a fala da gestora (E1) “*É impressionante o número de pessoas que chegam na escola por olhar a nossa página do Face, é impressionante*”.

Ter um “Face” parece fazer parte da cultura e da divulgação da escola, porém, a ferramenta que sucedeu o Facebook, no que tange a comunicação e compartilhamento de dados/informações, atualmente, é o WhatsApp. Assim como o antigo Orkut foi superado pelo Facebook, estima-se que o Facebook também terá seu término, como todas as tecnologias associadas às redes sociais. O importante é estar “atento” às

tendências no que concerne às TD, pois não adianta adotar uma tecnologia que os pais não utilizam.

Gráfico 2 – Tecnologias mais usadas pelas escolas



Fonte: Autora (2017)

Para compreendermos as contribuições de cada TD nas escolas pesquisadas torna-se importante descrever como as escolas estão fazendo uso destas ferramentas. Alguns recursos como o WhatsApp, as câmeras de monitoração, o Facebook, e-mail e o site não foram criados, inicialmente, pensando na educação, contudo, foram sendo incorporados ao dia-a-dia das escolas pelas suas vantagens comunicativas que serão expressas a seguir. O único recurso criado especificamente para a escola de educação infantil é a “agenda eletrônica” ou “agenda virtual” que é, também, o mais recente e, desta forma, tem provocado reflexões e discussões sobre seu uso como veremos a seguir.

4.1.1 WhatsApp

O WhatsApp⁵ é um aplicativo de mensagens em tempo real através do qual é possível enviar textos, fotos, vídeos, arquivos em pdf, além de criar grupos para trocas de mensagem. É, ainda, de fácil utilização, pois requer apenas a agenda de contatos do celular e o acesso à Internet.

No uso realizado pelas escolas investigadas, uma das grandes vantagens citadas é a possibilidade de facilitar/agilizar a comunicação com os pais. O envio de fotos através do WhatsApp de atividades ou das crianças em diferentes situações do seu dia a dia, segundo relatos das escolas, proporcionou aos pais acréscimo da sua satisfação e confiança tendo em vista que, além da palavra, há a imagem para ilustrar e confirmar o que está sendo dito. Como afirmam Paniagua e Palacios (2007, p.214) “A imensa maioria dos pais gosta muito de seus filhos, são eles que têm mais interesse no seu bem-estar e que fazem o melhor que sabem e que podem”, sendo assim, os pais ficam satisfeitos ao ver que seus filhos estão bem e felizes, como observamos nas falas das escolas B, E e I:

“Assim, oh, a imensa maioria tem, porque daí eu consigo mandar fotos. Às vezes as professoras fazem uma atividade e tem fotos só da criança. Então, o WhatsApp eu... a professora me chama, eu tiro e já... já mando praquela mãe.” (B2).

“WhatsApp é uma ferramenta rápida, né? As pessoas olham mais vezes. Em função disso quando é uma coisa que a gente quer retorno rápido, a gente ou liga ou usa o WhatsApp. O WhatsApp, a gente não precisa mais telefonar tanto. As famílias visualizam muito rápido.” (E1).

“Virou costume eu mandar fotos deles do que estava acontecendo pelo Whats... No momento ali, uma atividade diferente que eles fazem ou até mesmo se eu tenho uma dúvida... se tem um machucadinho e eles não me avisam, daí eu mando foto - oh, isso daqui já estava assim, o que que houve? Tem que passar alguma coisa?” (I1).

⁵ https://www.whatsapp.com/?l=pt_br

Esta facilidade de comunicação aliada à agilidade e simultaneidade da informação são percebidas em situações diárias e rotineiras das crianças, como a comunicação aos pais de uma febre ou um machucado, com a vantagem, ainda, de ficar registrado no próprio aplicativo a visualização e a resposta das famílias. De acordo com Bassedas, Huguet e Solé (1999, p.285) “Os contatos informais são importantes por diversas razões: permitem um conhecimento progressivo dos agentes educadores da criança; ajudam os pais e as mães a tranquilizarem-se e a verem com segurança a estada do seu filho ou da sua filha na escola”, como ilustram as falas das escolas F e B:

“Nós temos WhatsApp, claro, que é um contato direto que essas famílias têm e nós também para poder ter recados mais rápidos, avisar de uma febre, alguma coisa assim, né.” (F1).

“Por exemplo, na questão da febre, a mãe pediu para eu medicar. Eu tenho ali registrado isso. Eu uso... elas usam muito, eu uso muito, muito. O dia inteiro, o dia inteiro. Chego aqui na escola já vou olhando... já lá em casa já vou olhando se tem e, daí eu passo com isso na minha mão.” (B2)

Há, no entanto, dois tipos de uso desta tecnologia: a comunicação direta com cada família; e, também, escolas que criam “grupos de WhatsApp” com as famílias de uma turma inteira como um veículo de comunicação sobre a escola, para esclarecimento de dúvidas, envio de informações. Em uma das escolas entrevistadas, há grupos de WhatsApp de cada turma com a equipe diretiva, cujo objetivo é qualificar o trabalho da escola, como afirma o gestor (D1) da escola D *“No WhatsApp também temos um grupo dos pais onde a nossa equipe diretiva participa, inclusive, eu participo. Isso, à princípio, em algumas mães criou um certo - Opa, o diretor vai participar? . Sim, como a escola é uma escola aberta e totalmente transparente a gente aceita muito e quer que os pais façam críticas construtivas que é para, através da percepção dos pais, a gente melhorar cada vez mais.”*

Tanto através de mensagens diretas à cada família para tratar de assuntos específicos da criança ou nos grupos por turmas, a principal vantagem relatada para o uso do WhatsApp é sua agilidade, simultaneidade e rapidez de retorno.

4.1.2 E-mail

O e-mail também é uma ferramenta para a troca de mensagem, contudo, ele exige um cadastro um pouco maior para sua utilização. Ele traz, na concepção das escolas, uma forma de comunicação mais “formal” sendo utilizado principalmente para o envio de informativos, bilhetes, cardápios e avisos sempre com o objetivo de comunicar aos pais ações que estão ocorrendo na escola ou que irão acontecer, buscando uma parceria. As questões relacionadas à sustentabilidade e à agilidade também foram pontuadas pelas escolas, como refletem as falas a seguir:

“A gente largou do bilhete em papel para e-mail para facilitar a distribuição, não tem aquele problema de criança que não veio não recebeu o bilhete no dia seguinte, essa dificuldade. Uma questão de custo, também, reduzir o papel quando vai por e-mail. E até uma questão de registro, de localização e registro. ” (B1).

“Apareceu como uma maneira, uma forma de poder chegar mais perto até dos pais com coisas que são muito mais rápidas, né? Poder chegar ali, digitar e ele tá recebendo ali, tu já tá tendo um retorno também em muitas situações... Isso encurtou tempo, isso encurtou espaço, isso de alguma forma também aproximou... porque eles também se sentem muito à vontade em de repente estar nos perguntando coisas via e-mail, né?” (C1).

A escola G, contudo, passou por um processo diferenciado para a adoção desta tecnologia: foi aos poucos, ouvindo e trocando com os pais até que todos compreendessem a importância do seu uso. Segundo Chaguri (2011, p.44) “É preciso continuamente transformar dúvidas, ressentimentos, alegrias, angustias e tantos outros sentimentos que necessitam ser manifestados e digeridos dos dois lados” e, como ilustra a fala da gestora (G1) da escola “*Nossa comunicação é 99% por e-mail. Num projeto sustentável da escola. E, num primeiro momento, 50% das famílias aderiram, outros 50% não e agente foi fazendo toda aquela troca, né? As pessoas diziam - Não, mas eu quero receber o bilhete - e a gente foi respeitando, dando um tempo. Então, chegamos ao final de noventa dias com a maioria por e-mail e algumas famílias ainda com o bilhete. E a gente fez... deu um suporte... um grupo de suporte a essas famílias, para*

que elas pudessem passar para o e-mail. Teve um momento em que os bilhetes do grupo de algumas dessas famílias eram expostos lá embaixo, na recepção. Então aquela família que não queria receber por e-mail, o bilhete passou a não ir mais na agenda e ficava lá. E, assim, a gente foi fazendo. Ao final de um ano nós tínhamos todos somente por e-mail. ”.

Uma outra forma de uso do e-mail pelas escolas é para comunicar ações, projetos e atividades que são realizadas com as crianças em sala de aula ou, então, para a transmissão de informações do dia a dia, como uma pessoa diferente que irá buscar uma criança. Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999, p.289) “As relações entre a família e o centro educativo devem proporcionar que os pais e as mães possam compreender, aceitar e valorizar a tarefa educativa da escola”. Para a gestora (G1) esse uso é fundamental, pois “*A história da educação infantil ainda é muito assistencialista, então nós podemos ir mostrando através de e-mail todas as ações, do que a escola faz e convidando para estar aqui e isso facilitou muito.* ” (G1).

O e-mail é, portanto, utilizado para o envio de informativos e bilhetes, como um reforço à comunicação e, também, como uma forma de informar aos pais as atividades realizadas na escola, buscando uma maior valorização do trabalho.

4.1.3 Facebook

Facebook⁶ é uma rede social na qual as pessoas encontram umas as outras para trocar mensagens, fotos, vídeos e outros materiais de interesse comum. As escolas, ao se apropriarem desta tecnologia fazem, principalmente, dois usos: uma página da escola aberta para o público em geral com informações sobre a escola; e grupos fechados por turmas para divulgação de fotos e trabalhos mais específicos das crianças. No sentido do marketing e divulgação da escola, o Facebook aparece como uma ferramenta bem importante como afirma a gestora (H1) “*O Facebook a gente faz publicação de post três vezes por semana. Uma vez por semana a gente patrocina para pegar um público mais amplo e tudo isso por uma necessidade de momento, né, nós tivemos uma baixa de alunos e estamos indo atrás novamente* ”. Nas páginas abertas, no entanto, as escolas de um modo geral demonstram preocupação e cuidado na preservação da imagem das

⁶ <https://www.facebook.com/>

crianças, optando por fotografias mais gerais ou de grupo ou, então, dos espaços e atividades realizadas na escola sem o aparecimento das crianças.

Já nos grupos fechados, nos quais participam pais e educadores da turma, faz-se uma comunicação mais direta com o envio de fotos, lembretes e trocas de informações pertinentes àquela turma, como observamos nas falas a seguir:

“A gente tem, ãh, um perfil privado no Facebook onde a gente coloca... duas vezes por semana a gente alimenta ele com as atividades mais significativas da turma, são pelo menos duas atividades da turma por semana. Então, isso a gente usa há bastante tempo, assim, desde o início do Facebook a gente tem esse perfil.” (E1).

“Cada professora tem um Face com o seu grupo, com os seus pais e com o seu grupo de pais, onde ela vai postando, onde vai se relacionando.” (G1).

“Nós utilizamos muito o Facebook e aí ele, principalmente, mais na linha pedagógica, então, cada turminha da escola tem um grupo fechado no Facebook aonde só participam pai e mãe e professoras da escola. E aí ali naquele grupo a professora vai postando e fazendo os pais participarem, então, tem trabalhos, tem projetos, tem enquetes, tem, às vezes, uma transmissão ao vivo de alguma atividade, ãh, tem coisas para os pais participarem também dentro do Projeto, né? E tem a fanpage da escola que daí é aberta para todo mundo” (F2).

O Facebook é, assim, um veículo de comunicação utilizado tanto para informações gerais sobre a escola e divulgação como, também, um espaço para trocas mais individuais das peculiaridades de cada grupo.

4.1.4 Site

O site é uma ferramenta preferencialmente criada para o público externo à escola com o intuito de divulgar o trabalho realizado prospectando, assim, novos alunos. Contudo, percebemos um movimento de algumas escolas para tornar o site mais dinâmico e interativo tanto para o público externo quanto para o público interno. Assim, algumas instituições estão incluindo em seus *sites* um espaço específico para os

responsáveis pelas crianças, o qual eles acessam mediante *login* e senha e, desta forma, visualizam fotos, cardápios, avaliações e outros materiais de uso exclusivo para as famílias vinculadas à escola. Percebemos estes movimentos nos relatos das escolas B e H:

“O site é importante, mesmo que a gente não tenha esse retorno, porque hoje quem vem aqui pra visitar, matricular, olhar...100% já olharam o site” (B1).

“A empresa, assim, tem bastante texto sobre a faixa etária que se trabalha e sobre ansiedades que a gente sabe que os pais têm nesta faixa etária. Então já antecipa. Então, na verdade, quando está buscando a escola entra lá e já vê aquele conteúdo todo, a maioria dos pais que sentam aqui me dizem, me sinalizam que gostou muito” (B2).

“Nosso foi refeito, agora, foi feito um novo site no mês de junho, ele ainda está terminando de ser confeccionado, enfim, porque vai ter uma área restrita que vai obrigar os pais a entrarem pelo menos uma vez por mês que é para pegar o cardápio, os aniversariantes do mês e as fotos do mês que passou, né? Então isso também vai tornar o site de alguma forma mais orgânico, né, as pessoas vão ter que entrar e participar, tá, não fica só uma coisa para uma vez tu conheceres o site. ” (H1).

Na maioria das escolas pesquisadas, o site é utilizado para a comunicação externa, como uma forma de atrair novos alunos. Contudo, as escolas percebem que um site atrativo, com atualizações constantes e fiel à escola são diferenciais que atraem tanto o público externo quanto o interno, tonando o site mais dinâmico e mais efetivo como um meio de comunicação e divulgação da escola.

4.1.5 Câmeras de monitoração

As câmeras também são utilizadas pelas escolas de duas maneiras diferentes: há as escolas que possuem câmeras *online* que os pais têm acesso remoto mediante um aplicativo com seu *login* e senha; ou, então, as que são utilizadas para uso interno da escola. Nas câmeras para uso interno observamos, ainda, duas formas de utiliza-las:

uma das escolas tem a televisão na sala da gestora e as imagens são consultadas em conjunto com os pais em situações específicas como quando uma criança se machuca para esclarecer o ocorrido; já na outra escola, o painel com as imagens fica na recepção, assim todos que estiverem esperando seus filhos ou aguardando atendimento na escola podem observar as salas e seus espaços. Em todos os casos, contudo, elas trazem uma segurança aos pais e à escola, pois têm ali registrado e documentado o dia a dia das crianças.

Uma das principais satisfações demonstrada pelos pais através do uso das câmeras é poder acompanhar, em tempo real, as atividades realizadas pelo seu filho na escola. Como relata a gestora (A1) *“Tipo, ontem uma menina começou o balé, tudo, o pai acompanhou a aula inteira, então ele tava assim. Não foi só mandar foto que a gente tem o Whats da escola que a gente manda, que é um meio de comunicação com os pais muito frequente, então, a mãe recebeu as fotos dela se arrumando, ela recebeu as fotos dela indo pro balé, mas o pai conseguiu acompanhar a aula. Ela não conseguiu, pelas questões dela ela não conseguiu acompanhar, mas ele conseguiu. Então, assim, aproxima mais, eles acompanham o que que acontece na escola. ”*.

Ou, então, em uma situação de esclarecimento de uma situação que gerou dúvida ou insegurança, como afirma a gestora (E1) sobre o acesso dos pais às câmeras *“Têm acesso em situações assim - Ai... -, já aconteceu de - Ai, a fulaninha prendeu o dedo na porta , mas será que a profe tava dentro da sala? - Tá, então vamos olhar juntos. A profe tava e aí foi uma situação assim, o amigo... a gente tem uma sacada, assim, que faz uma ligação entre a parte daqui com a parte da frente da escola, e aí o coleguinha chamou ela e ela disse - não vou - e ele pega e fecha a porta só que ela ta com a mão no marco. Só que a profe tava do lado, sabe. Então para situações assim. Ou situações que a mãe... um menininho também, faz umas duas semanas, quatro anos, a criança disse para a mãe... chegou com o nariz sangrando em casa e disse para a mãe - Não, o fulano me bateu. Na aula de capoeira, o fulano me bateu - e aí a gente foi olhar nas câmeras. Ele passou a aula toda de capoeira furungando no nariz e, aí, uma hora sangra o nariz. ”*.

No uso das câmeras que ficam abertas aos pais para que a qualquer momento vejam seus filhos, as escolas têm alguns cuidados com relação ao Termo de Uso de Imagem, à instalação e ao cadastro para que somente as famílias efetivamente vinculadas à escola tenham esse acesso. De acordo com a gestora (A1) *“O uso das*

câmeras é através de um aplicativo com senha e tudo. Não é todo mundo que tem acesso”. E, segundo a coordenadora pedagógica (F2) “As câmeras na verdade eles têm um aplicativo, daí isso sim, então, quando a criança vem para escola, é matriculada, passa ali pelo momento de entrevista e tal, nesse dia eu já entrego o tutorial de aplicativo, senhas e, aí, cada família tem a senha para acessar”.

O acesso à imagem do seu filho em tempo real, de acordo com algumas escolas é, inclusive, um diferencial valorizado pelos pais, como relata a gestora (E1) *“As câmeras já era uma coisa que as famílias me pediam. Quando eu faço essa pesquisa de satisfação anual, várias famílias já tinham me pedido, mas eu sempre disse que eu colocaria, mas que eu não deixaria aberto”.*

As câmeras são utilizadas pelas escolas para comunicação com as famílias como uma ferramenta para mostrar aos pais o que está acontecendo ou o que aconteceu no dia a dia das crianças. É, portanto, vista como um diferencial no sentido de que as imagens fortalecem a confiança dos pais na escola ao mostrar o que realmente ocorre ou ocorreu com o seu filho.

4.1.6 Agendas Eletrônicas

As Agendas Eletrônicas ou Agendas Virtuais são aplicativos que surgiram nos últimos cinco anos para a substituição da agenda de papel utilizada na educação infantil para informar aos pais questões do dia a dia das crianças como alimentação, higiene e atividades realizadas. No entanto, como seu uso é bem específico, ela requer um treinamento ou a leitura de seus manuais, diferentemente das demais tecnologias com as quais a maioria das pessoas já tem uma maior familiaridade. Como explica o gestor (B1) sobre o processo de uso das agendas eletrônicas *“Tiveram um treinamento e eles ganham um manual, quando faz o cadastro vai um manualzinho de usuário, tipo um manual de usuário, feito pela empresa explicando rapidamente como funciona. Há manuais diferentes, mas existe manual. Existe manual do gestor, dos professores e dos pais”.* A coordenadora pedagógica (F2) também relata um processo parecido para a adoção das agendas eletrônicas *“A agenda, num primeiro momento, foi mais apresentação, aí depois a gente já tinha os tablets próprios e eles ajudaram a baixar, ensinaram como é que fazia, enfim, e sempre que a gente tem algum funcionário novo, daí, passa por mim ou pelo pessoal do administrativo para fazer o treinamento”.* Houve

ainda, nas escolas que adotaram essa tecnologia, um período de teste e de avaliação por parte de todos os envolvidos como a gestão, os educadores e os pais buscando qualificar o aplicativo/programa e esclarecer dúvidas com relação ao seu uso.

Os principais argumentos para a troca da agenda de papel para a eletrônica dizem respeito à sustentabilidade, à agilidade e ao maior número de informações que podem ser comunicadas às famílias em um tempo menor, como através do envio de fotos das atividades realizadas com a turma.

A sustentabilidade está relacionada, principalmente, ao menor consumo de papel tendo em vista que ela é um aplicativo ou uma plataforma *online* que substitui as agendas em papel preenchidas diariamente pelas educadoras. Para a coordenadora pedagógica (F2) *“Essa foi uma das trocas que a gente... passou para a agenda digital que é um movimento muito mais rápido, mais sustentável, enfim”*.

Já agilidade é observada no momento em que a professora pode enviar um recado igual para todas as famílias sem necessitar escrever individualmente a informação, o que toma o seu tempo de estar com as crianças para estar escrevendo em cada uma das agendas, com observamos na fala da coordenadora pedagógica (B2) *“Estamos adotando essa da agenda da eletrônica, também... na verdade pelos mesmos motivos, facilitar o registro da professora e a economia, que a agenda tem um custo, né? É um facilitador na verdade. Porque, assim oh, pensa que antes a professora que tem 14 tinha recados que ela tinha que escrever na agenda 14 vezes...”*.

Contudo, uma questão que logo teve que ser pensada pelas escolas foi a organização do tempo das educadoras para preencherem as agendas, tendo em vista que o objetivo é que elas fiquem mais tempo envolvidas com as crianças e, não, conectadas às agendas a todo momento. Tanto a gestora da escola E quanto a coordenadora da escola F relatam que o horário de uso vai se ajustando às jornadas das crianças:

“Como todos os dias elas têm aula especializada, esse é o horário ideal, só que geralmente não vai contemplar o dia todo a hora da aula especializada. Elas não vão conseguir alimentar tudo. Então... E todas as salas, assim, tem a profe e a auxiliar, então, é possível se dividir no momento, assim... Tem uma atividade que a profe está mais, então a auxiliar vai poder alimentar, mas a gente não tem uma hora específica para isso.” (E1)

“Na verdade, existe esse horário, mas ele é organizado pela professora. Então cada uma das meninas vai ter o seu tempo dentro do que tá acontecendo no dia, de como elas organizam a rotina dos alunos. Então, assim, elas não estão ligadas à agenda todo o tempo e a nossa agenda não funciona como funcionaria o WhatsApp” (F2).

Algumas escolas utilizam *tablets* para o preenchimento das agendas por parte das educadoras e, outras, optaram por instalar o aplicativo no celular das próprias professoras. Sendo assim, ainda sobre o horário de uso, o gestor (B1) observa *“Depois de tal hora, bloqueia. Então, aí, eles não têm mais acesso a mexer na agenda. Tem dois aspectos. Um que o pai provavelmente já viu e depois que fechou a escola ele não vai mais olhar, aí se tu bota informação pra ele, ele não vai saber, não vai ter visto, né? E, o segundo, tem uma questão também trabalhista nisso, de alegar - Não, eu fico trabalhando uma hora em casa, para preencher as agendas -. Então, assim, esses dois aspectos, nisso o aplicativo mesmo delimita. 18h30, 19h é o horário limite.”.*

Para os gestores e coordenadores pedagógicos das escolas que utilizam as agendas eletrônicas, essa organização com relação aos horários é um ponto fundamental no uso da tecnologia, tendo em vista que nenhuma das escolas pretende que as suas educadoras fiquem conectadas ao aplicativo o tempo todo tendo, assim, bem clara a ideia de que ele é um complemento, pois o principal é estar com as crianças. Logo, estas questões dos horários são definidas tanto para o registro ao longo do dia quanto para o momento em que a educadora finaliza a sua jornada de trabalho.

No aplicativo usado pela escola B, há a possibilidade de enviar mensagem em qualquer horário, como afirma o gestor (B1) *“No caso do gestor, assim, se eu quiser mandar uma mensagem às oito horas, eu faço um evento, uma mensagem e mando, é possível. A gente não faz, principalmente por isso... não tem porque, né? Só se é alguma coisa extraordinária”*, contudo, eles evitam o uso no horário em que a escola está fechada até para não abrir precedentes para que os pais também o façam.

As escolas que ainda não utilizam as agendas eletrônicas demonstram curiosidades e interesse em conhecer mais sobre esses recursos acreditando que este será o futuro do registro na educação infantil, como refletem as falas dos gestores das escolas D e G:

“A tecnologia a gente está estudando a possibilidade de, num futuro próximo, colocar uma agenda eletrônica, ao invés da própria agenda dos alunos, né? Já fiz alguns orçamentos e é bem interessante, né? É, também, um bom veículo. E dá para ver que praticamente todos os pais utilizam as ferramentas digitais. Então, hoje em dia, fica mais fácil, né? E funciona bem”. (D1)

“Eu penso que a gente tem que pensar nesse professor que deve estar mais com essas crianças do que preenchendo uma agenda, esse tempo é precioso do educador e que deveria estar ali para isso, para elas”. (G1)

Observamos, a partir das entrevistas, que logo após a adoção das tecnologias há um período de avaliação e ajustamento para que ela atinja os seus objetivos. E, também, que esse uso necessita de um pensar constante sobre as suas possibilidades e os seus desafios, como veremos a seguir.

4.2 DESAFIOS

Há, no entanto, diversos desafios com relação à adoção das TD na comunicação entre a família e a escola e, para que possamos compreendê-los, realizamos a divisão em três subcategorias:

- *Hardware* (parte física de infraestrutura),
- *Software* (infraestrutura lógica, programas, manuais, configurações)
- *Pessoas* (infraestrutura de pessoas, tudo aquilo que diz respeito às pessoas envolvidas neste processo).

Cabe salientar que no âmbito da Informática existe a crença de que a infraestrutura física e lógica é a parte que demanda muito tempo, investimento e projeto detalhado (PRIMO, 2007). No entanto, no que concerne à efetiva implementação e criação de nova cultura na organização, são as pessoas que vão efetivar o projeto e fazê-lo acontecer. Residindo aí o maior dos desafios. Nossa pesquisa mostrou que no ambiente escolar isto também ocorre e este aspecto será aprofundado adiante.

4.2.1 Hardware

As preocupações relacionadas à falta de luz ou falta de Internet foram as mais significativas neste sentido, como relata o gestor (B1) *“Nós tivemos dois dias de falta de luz. Com a tecnologia para tudo, então, assim, eu não tenho acesso ao cadastro da criança, eu não tenho... hoje nós temos ainda um arquivo de papel, com os dados telefone, endereço, tal, tal tal, mas daqui a pouco provavelmente nem isto nós vamos ter, vai ter um cadastro em papelzinho, assim, uma listinha, porque senão nem acesso a esse tipo de informação tu teria.”*. De acordo com a coordenadora pedagógica (F2) *“O Facebook, o WhatsApp, as câmeras, no momento em que tu tem uma falha, por exemplo, da Internet, não tem problema, porque a pessoa não tem urgência de ver aquilo naquele momento. Agora, no momento em que tu precisa preencher a agenda e naquele dia tu ficou sem Internet, é um problema que a escola precisa lidar.”*. Sendo assim, as escolas ainda necessitam criar alternativas para esta falta, pois a comunicação entre a escola e a família precisa acontecer diariamente tendo em vista a importância das informações trocadas entre elas para o bem-estar e o desenvolvimento da criança.

Outra preocupação bastante evidente com a adoção das TD é o uso do celular próprio X uso do celular da escola. Três escolas das nove entrevistadas iniciaram com o uso dos aplicativos no celular próprio dos gestores ou coordenadores pedagógicos e, aos poucos, foram percebendo a importância de adquirir um celular para uso exclusivo da escola. Outras duas escolas estão no movimento de refletir e analisar a aquisição de um telefone para a escola, como ilustra a fala da coordenadora pedagógica (B2) *“Até a gente cogitou de... porque esse é meu particular, né? De ter um para a escola. E, quando eu saísse daqui no final do dia, ficasse aqui. E os pais teriam essa informação - Olha, quando a escola fechou, fechou, é só no outro dia -. Porque, às vezes, daí, ainda eu to indo para casa, recebo alguma coisa, eu já... ainda respondo, mas quando é tarde da noite, finais de semana, eu não respondo.”*. Essa necessidade, contudo, tem relação direta com as características de cada escola, por exemplo, nas escolas que possuem um número maior de alunos, os gestores logo tiveram que reorganizar o uso das tecnologias, já na que possui 20 crianças, a gestora ainda não vê essa necessidade.

A discussão sobre o uso de celular próprio também apareceu quando as escolas passaram a utilizar as agendas eletrônicas, como relata o gestor (B1) *“A primeira empresa que a gente testou tinha que ser um tablet e não deu certo, porque tem uma*

questão também até de manutenção, né? Na primeira semana puf caiu quebrou e aí? Corre atrás de outro, então tem isso. Já com o seu celular, a pessoa está mais acostumada, não sei se cuida mais porque é o seu ou, até acho que não, está mais acostumada a lidar com o seu celular. Então, assim, não tivemos problema, hoje, elas utilizam isso”. Já a gestora (E1) afirma que “A gente fez um treinamento com as profes e a gente até comprou tablets na época, mas as meninas preferiram usar os próprios celulares. A gente tem os tablets, quem quer usar tablet usa o tablet e quem quer usar o seu celular usa o seu celular”. No entanto, na escola F o uso é feito exclusivamente através dos tablets adquiridos pela escola.

Quando há a adoção de tecnologias, a infraestrutura física precisa ser pensada, como na necessidade de investimento em uma rede wifi para dar suporte e agilidade a este uso. De acordo com o gestor (B1) sobre o acesso à Internet nos espaços da escola *“Agora elas estavam mesmo falando, assim, que alguns pontos lá em cima não pegam... ta aqui embaixo... então estamos pensando em botar lá em cima um amplificar, roteador, sei lá o nome disso, mas para poder ampliar o sinal”*. Já a gestora (E1) adaptou a sua estrutura para o uso das TD *“Nós temos wifi. Nós temos duas redes... Três redes para poder dar conta, né? Porque daí também tem isso, né, tem que ser ágil a ferramenta, então, a gente teve que ampliar isso assim... ãh... a função do wifi em todos os locais da escola, né? Ter vários repetidores, né? É uma rede rápida”*.

No uso das tecnologias, algumas questões como a falta de luz ou a queda do sinal da Internet não são de responsabilidade da escola. Contudo, por serem recentes, as instituições ainda estão se adaptando a esses usos e, assim, as soluções vão sendo pensadas no dia a dia conforme as dificuldades vão surgindo.

4.2.2 Software

Os softwares utilizados pelas escolas, em sua maioria, são de uso gratuito necessitando apenas do acesso à Internet. No que tange ao uso específico de algumas TD, há questões que têm provocado reflexões. No Facebook, por exemplo, há a necessidade de uma atualização constante nas publicações, exigindo uma organização na escola para o seu uso, o que vemos na fala do coordenador pedagógico (C2) *“Agora o Face que a gente... ele requer já um outro estágio de alguém que vai atualizando”*. Para o gestor (H1) *“O desafio é criar post semanais três vezes por semana. Eu não*

contratei ninguém, tá, e isso pra mim é um desafio porque tem uma demanda interna e bastante, às vezes, eu não consigo parar”. Conforme observamos, o Facebook proporciona às escolas um retorno bastante positivo, no entanto, como é uma rede social dinâmica na qual aquilo que é mais recente ou tem mais comentários é mais visualizado por todos, algumas escolas estão investindo nesta atualização constante.

Já nas agendas eletrônicas, as escolas perceberam a falta de alguns recursos como, por exemplo, a possibilidade de copiar as fotos enviadas ou compartilhar vídeos com os pais, como relata o gestor (B1) *“Eu posso mandar fotos para os pais, mas os pais não conseguem copiar”*. Já para a gestora (E1) essa atualização dos recursos é fundamental, tanto que eles já estão pensando em trocar o aplicativo para um mais atual, pois, para ela *“Por exemplo, a gente hoje não pode ainda colocar vídeo. Eu acho uma falha imensa não poder colocar vídeo, né, e as gurias fazem vídeos e mandam por WhatsApp para os pais. Incoerente, né? A gente tem que ter um aplicativo que dê conta de tudo, né, não se dê conta só de uma parte”* (E1).

Ainda sobre as agendas eletrônicas, as escolas relataram a dificuldade de algumas famílias em conseguir se apropriar do aplicativo e perceber as vantagens do seu uso, segundo a coordenadora pedagógica (F2) *“A agenda digital ainda é algo que está em adaptação tanto para escola, mas principalmente para as famílias e o retorno que a gente tem, assim, eu te diria, não existe uma pesquisa ainda pra te dizer, mas vamos dizer que eu tenha uns 30% da escola de familiares que nos retornam de, daqui a pouco, não estarem tão satisfeitos. Porque realmente, assim, a agenda digital ela dá uma ideia de algo que não é tão pessoal, né? Então, assim, é muito frio pra educação infantil”*. Algumas famílias ainda valorizam mais a escrita à mão da professora com os relatos diários em cada agenda.

Constatamos, com relação ao uso das agendas eletrônicas, três escolas que já implantaram esse recurso e quatro que estão adquirindo informações e avaliando sua adoção. De acordo com as falas das escolas que as utilizam, a adoção destas agendas ainda é um processo novo e que necessita de ajustes e, estes, vão sendo realizados conforme vão surgindo as demandas do dia a dia. Já as escolas que não as utilizam relataram que têm refletido sobre seu uso tendo em vista que percebem um movimento das demais escolas neste sentido.

4.2.3 Pessoas

Nas observações e análises acerca das dificuldades da adoção de TD pelas pessoas, identificamos questões relacionadas aos gestores, aos pais e aos educadores.

Com relação aos gestores, apareceram: o receio de não ter mais os documentos em papel e, sim, virtualmente, como observa a coordenadora pedagógica (B2) *“Eu tenho muita dificuldade, assim, de não ter as coisas no papel para mim. Bom, tanto que eu tenho esse caderno e todos os e-mails que vão para as famílias eu imprimo um para mim, porque eu acho que eu tenho que ter na mão. É palpável”*. Desta forma, algumas escolas relataram que é muito difícil ter tudo no formato digital por receio de que, com uma falha, possam perder todos os dados armazenados. Assim, a maioria das escolas utiliza os recursos das tecnologias como complementares e não como exclusivos.

Há, ainda, por parte dos gestores, uma dificuldade no relacionamento com as famílias frente às novas possibilidades advindas das tecnologias no que tange à invasão da privacidade, como relata a gestora (E1) *“É, e daí aquela coisa, por exemplo, assim, no meu perfil privado do Facebook eu não adiciono pais, mas as famílias tentam”*. Para a gestora (G1) *“Ainda, as tecnologias a gente está aprendendo a usar, acho que as pessoas são um pouco invasivas”*. Os gestores têm clara a ideia de que a relação com as famílias é uma relação profissional e não de amizade. Logo, é necessário ter um pouco de distanciamento para que não se misture a vida particular dos gestores com as questões relativas a cada escola.

Observam, ainda, que mesmo tendo benefícios com o uso das tecnologias, elas por si só não favorecem essa relação tendo em vista que é o uso que as pessoas fazem destes recursos que irão qualificar ou não o processo de comunicação. Conforme explica o gestor (D1) *“Claro que a tecnologia ajuda, mas a gente sabe que o principal é a conversa, é o acolhimento à família, né, então nisso a gente faz um trabalho bastante importante, né?”*.

A necessidade de estudos e reflexões sobre o uso das TD também está presente em algumas escolas, como reflete a gestora (G1) *“Se eu fosse começar hoje, o que que eu faria diferente... Eu acho que eu teria tido mais discussões, eu acho que hoje eu entendo que a reflexão acerca do uso tanto do Face, quanto do WhatsApp precisam ser intensificadas. Do modo como eu me coloco, da foto que eu coloco, né, eu acho que nós vamos caminhar para o uso do WhatsApp por grupo, seria muito bom, mas acho que*

nem essas professoras e nem essas famílias estão preparadas para isso. ”, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Com relação aos pais, os desafios são, em sua maioria, sobre a postura tanto de horário quanto de falas, solicitações e exigência de respostas imediatas.

Algumas escolas, por exemplo, enfrentaram situações dos pais quererem interferir nas atividades realizadas, como na escola A em que, a partir da visualização nas câmeras *online*, os pais ligavam para a escola, segundo a gestora (A1) *“...tem o uso indevido, muitas vezes tu tem que ensinar eles a usar. Porque tipo, tem um pai que agora ele parou, ele aprendeu como usar, que ele via e dizia - ele está com calor -. Como é que pelas câmeras tu vai saber se a criança está com calor ou com frio? Não tem como”*. De acordo com a gestora (E1) *“Já tiveram algumas situações, assim, de famílias fazerem comentários inadequados, que a gente tem que retomar, falar, né. Já aconteceu da gente colocar a foto de um menininho brincando de mamãe e papai com uma outra menininha e o menininho tá segurando a boneca e o pai ter um ataque com a gente porque o filho dele estava segurando uma boneca e estava postado no Face da escola. Essas coisas assim, bah, isso assim, ah... sabe... cansa, né? Mas enfim, faz parte, né?”*.

Essas situações de interferência dos pais nas questões de sala de aula geram um pouco de desconforto como demonstra a gestora (A1) *“Eu acho que assim oh, tá melhor agora, a gente foi modificando já, mas no início foi bem complicado, assim, chegou uma hora que eu estava dizendo, daqui a pouco eu vou trancar as câmeras, eu vou trancar as câmeras, eu vou tirar o Whats, tipo assim, deu! Tipo tinha mãe de bebe que ligava e perguntava tipo - cadê a minha filha - e dava vontade de responder ai, foi passear no shopping! A gurua nem caminha. Tipo, né, então, assim, questões assim começaram a me irritar, porque, tipo, é um exagero”*. No entanto, de acordo com Paniagua e Palacios (2007, p. 211) *“As relações entre pais e educadores são muito complexas, carregadas de envolvimento emocional e de expectativas mútuas”*, sendo assim, a empatia, o colocar-se no lugar do outro, seguem sendo fundamentais para que família e escola consigam se comunicar fortalecendo a sua parceria.

Todas as escolas foram percebendo, a partir do seu uso, que é necessário dar limites aos pais, como demonstra a coordenadora pedagógica (F2) *“E, daí, cabe à escola ir lidando com isso e, também, não permitir que essa intromissão passe dos limites, né?”*. Segundo Primo (2007, p.116) *“Novas ações terão a possibilidade de*

redefinir o relacionamento, mas só podem ser criadas e ganhar sentido durante a interação. Isto é, não há como prever objetivamente e por antecipação qual será o resultado das trocas comunicativas”.

O WhatsApp, para a maioria das escolas, é visto como uma ferramenta positiva como foi relado anteriormente, no entanto, seu uso ainda traz preocupações por parte da escola. De acordo com a gestora (G1) é fundamental refletir e pensar sobre a sua utilização *“Eu acho que... essa é uma dor de cabeça da escola. Ainda o que nos chega é - Ai, no grupo do WhatsApp eu ouvi dizer isso -, - No grupo do WhatsApp eu ouvi dizer aquilo- , - Uma mãe se dirigiu ao meu filho que morde de modo desrespeitoso no grupo do WhatsApp - e a escola não tem o domínio sobre isso, mas eu acho que a escola precisa ajudar essas famílias a pensar sobre. ”*. Já a gestora (I1) prefere evitar estas questões *“Eu não faço grupo para evitar comentários que, às vezes, reclama uma coisa que o outro ainda não tinha percebido e o outro passa a perceber porque o outro está reclamando... Eu não faço grupo pra todo mundo porque vai dar conflito com certeza”*.

Chama a atenção, também, a partir das entrevistas, o quanto as famílias investem em um contato extra escola tanto com as educadoras quanto com os gestores, seja adicionando no Facebook ou solicitando o número do WhatsApp. Segundo o gestor (D1) *“No início eu observei que alguma mãe, por exemplo, coloca uma educadora no grupo... aceita no grupo do Face dela para poder ter essa conversa direto com a professora, então, a escola conversou com a mãe e com a educadora para que não, para que usassem os meios nossos aqui, porque senão ficam umas conversas paralelas que não é de interesse da escola nem de ninguém, né, pode criar algum atrito”*. Este é um movimento contínuo de parte das famílias que necessita ser barrado pelas escolas frequentemente, como ilustra a fala da gestora (E1) *“Não são meus amigos, mas isso é uma coisa que eu acho que é o limite que tu vai dando. E que algumas pessoas são mais invasivas e não se dão conta assim, não, eu não sou amiga dela. É uma relação diferente”*.

A compreensão de que a relação família-escola é profissional e não pessoal, segundo as escolas entrevistadas, é um desafio principalmente para as famílias que investem fortemente em ampliar esse vínculo para além da escola. Este movimento pode ser explicado tanto pela história da educação infantil que, inicialmente era assistencialista, uma extensão da família, tanto que quem cuidava das crianças era chamada de “tia”; quanto pela proximidade de contato, pois a família está presente

diariamente na escola ao levar e buscar seus filhos. Sendo assim, as escolas de educação infantil precisam mostrar, a todo o momento, aos pais o quanto fazem para além do cuidado, para que sejam valorizadas profissionalmente e não apenas como um espaço em que as crianças ficam enquanto os familiares trabalham.

Para algumas famílias a adoção das TD pela escola pode gerar um pouco de ansiedade na medida em que os pais querem respostas imediatas às suas perguntas e solicitações. Nesse sentido, Abuchaim (2006, p.142) afirma que

Parece-me extremamente compreensível a inquietação dos familiares acerca do desenvolvimento da criança e a vontade de saber mais, sobre o que acontece com ela na escola. Penso, no entanto, que a exacerbação destas preocupações, que leva a família a cobrar constantemente da escola posturas e informações, revela a culpa por não estar presente em tempo integral na vida da criança.

Desta forma, mesmo que, à distância, a família quer se fazer presente no dia a dia das crianças e cabe à escola não julgar essas atitudes, mas compreendê-las e trocar ideias com as famílias buscando esclarecê-las. Tivemos, ao longo das entrevistas, diversos relatos dessas situações como nas escolas B e I:

“A gente não tem isso estabelecido, assim, os horários, né? Mas avisou os pais na reunião, nos e-mails que a gente manda sempre, que as professoras não estão online. Não adianta mandar mensagem para a professora pelo aplicativo” (B1)

No uso das agendas eletrônicas: “Isso os pais tentaram. No início os pais - Ai, como está o...- , mas eu disse não respondam. Não respondam. Eles não tinham essa informação com a agenda de papel.” (B2)

“Porque senão é um canal de mensagem que não é interessante. Como é que a professora vai responder quatro, cinco mães e cuidar das crianças? Daqui a pouco acontece alguma coisa, tava com o celular na mão e aí?” (B1)

“Porque... aí se tu vê, às vezes eu não posso responder na hora, eu tô na rua... eles não se dão conta que, às vezes, eu não to dentro da escola, né, então daí eles insistem na pergunta, assim, né, daí claro eu acabo respondendo.” (I1)

Também com relação às respostas dadas e seus horários, em todas as escolas pesquisadas foi necessário, em algum momento, retomar com os pais a postura e o uso das tecnologias com relação a limites de horário e de intervenções, estabelecendo alguns combinados, como demonstram as seguintes falas:

“Na Reunião de Pais a gente sempre tem, eu sempre entrego uma folha com explicativos do uso do WhatsApp pra que que serve, das câmeras para que que servem. Tipo assim, tem que ser um uso saudável. Porque, tipo, o que aconteceu com o Whats: eles começaram a me mandar coisas às dez da noite, às três da manhã, às duas da manhã. Ai eu disse ai, não, a escola não funciona 24 horas, tem horário de abertura e de fechamento e o erro foi que eu tinha, eu respondia muitas vezes. Aí chegou uma hora que eu saturei. Aí eu chego às sete da manhã eu ligo, eu respondo, tipo assim, agora a escola está aberta agora eu posso te responder. ” (A1)

“No início assim, oh, quando o WhatsApp surgiu, tá, lá em 2012, que as pessoas começaram a usar muito, muito, muito, eu tive vários problemas. Mas daí não era só de WhatsApp, porque as pessoas também telefonavam às dez da noite e daí é uma coisa do limite que ti vai colocando, né?” (E1)

“Por mim é tranquilo, assim, às vezes, dependendo, eu respondo, mas se é muito... se eu vejo que é muito fora eu acabo deixando para responder... Por exemplo, na segunda-feira ou no dia seguinte” (I1)

Algumas escolas perceberam, no entanto, que o uso das tecnologias por si só não ampliou a participação das famílias. Segundo o gestor (B1) sobre os bilhetes enviados *“Funcionou, mas assim, a mesma coisa acontecia no de papel, não é por causa disso... Quando mandava o de papel também diziam que não chegava”*. De acordo com Primo (2007, p.30) *“Reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos, em qualquer situação interativa, é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador”*. E, neste sentido, observa a gestora (E1) *“A gente se deu conta assim, oh, que as famílias que se comunicavam com a gente na agenda, também se comunicavam no aplicativo e aquelas que não se comunicavam*

na agenda, também não se comunicam no aplicativo. Então, não, não... isso não existe diferença, né? Quem se comunica se comunica tanto na agenda de papel quanto no aplicativo. A gente não notou diferença nisso”. Voltamos à questão de que o uso que as pessoas fazem dos recursos são infinitamente mais importantes que a tecnologia sozinha, logo, ainda é um desafio para a escola refletir e buscar formas de aproximar também estas famílias que pouco participam.

Outra questão observada diz respeito à familiaridade com o uso das tecnologias. De acordo com a coordenadora pedagógica (F2) *“Também entra aí o que a gente percebe que, embora a tecnologia esteja no mundo, pai, mãe e os avós que estão utilizando essa agenda ainda têm um pouco de dificuldade de lidar com isso”*. Sendo assim, a escola também precisa estar preparada para dar esse suporte aos pais até que eles se sintam confiantes e à vontade com estas novas formas de comunicação.

Com relação à adoção das tecnologias e os educadores, o maior desafio relatado pelos gestores foi a postura dos educadores, bem como a sua forma de escrever e de se comunicar. De acordo com Primo (2007, p.115)

Em interações mútuas, um comportamento não pode ser apagado ou retirado. Uma ofensa através de um e-mail, por exemplo, é um evento no tempo que não pode ser retirado da evolução da interação. O conflito gerado por aquele texto será trabalhado no curso de novos eventos comunicativos.

A maioria das escolas teve situações de constrangimento no uso das redes sociais que precisaram ser esclarecidas com as famílias e fizeram com que todos refletissem, buscando alternativas e soluções. De acordo com a gestora (E1) *“Eu já tive problemas com funcionários. E aí começou, quando elas faziam umas postagens assim - Ai, chega férias, por favor! - , as mães vinham me falar - Aí, será que a fulana está bem? Será que ela está dando conta da turma? Porque ela escreveu...- e aí eu usei isso com elas, disse olha gurias, vocês estão se expondo, a partir do momento em que tu adiciona as mães, tu tem que pensar no que tu fala, né? ”*. Já na escola G, a situação provocou uma reflexão mais aprofundada sobre o tema, como relata a gestora (G1) *“Tu sabe que que eu lembrei, nós fomos num SPA, nós, professores, há uns dois anos atrás e tinha professores, educadores, todo mundo de biquíni, todo mundo tomou banho de cachoeira, banho de piscina e uma professora postou todas assim em uma roda de biquíni e um pai fez um comentário - Prof, eu te vi de biquíni -. E nós nos reunimos aqui*

para discutir. Então, decidimos... optamos juntos, em uma discussão ferrenha retirar a foto e repensar que foto eu devo colocar. Bom, se eu coloco uma foto e tenho pais no meu Face, eu tenho que pensar”.

Desta forma, as escolas foram unânimes em definir que os educadores e funcionários não devem adicionar os pais nas redes sociais mesmo que eles invistam nessa relação, orientando-os para que estimulem os pais a utilizar os canais de comunicação oficiais de cada instituição. Como observamos nas falas a seguir:

“Agora a gente tá fazendo assim oh, neste ano que tu és professora de Nível 1, por favor, tu não vai adicionar, ser amiga desses pais, porque existe isso, um recado no Facebook, uma foto... Um dia uma família colocou uma foto do seu filho com a professora, aqui, em um encontro e uma outra família disse - Ai, eu também queria ter foto com a professora -. É a maturidade dessa tecnologia, como usar, como preservar (...) que ainda tá maturando.” (G1)

“Questão da ética nós conversamos sempre nas reuniões iniciais, tá, que não adicionem, que não coloquem fotos da escola. Elas hoje têm os celulares consigo até para poderem tirar fotos das atividades em sala, porém elas me passam as fotos e, no fim do dia, elas têm que deletar do aparelho. Se é feito ou não eu não tenho como controlar, mas a gente pede que assim seja. Elas ainda não assinam nenhum termo de responsabilidade sobre isso, já estamos pensando nisso, porque mais e mais elas estão com os celulares na mão durante o trabalho.” (H1)

“Nossa orientação inclusive para as professoras é... porque, os pais acabam encontrando as meninas e tendo esse acesso, mas que elas só respondam ou façam coisas da escola quando estão aqui e, de preferência, no celular da escola. a gente pede que elas não passem o celular delas e sempre passe o da escola e, se por acaso no Messenger, por exemplo, forem procuradas, que evitem conversar coisas da escola por ali.” (F2)

“Alguns pais eles fazem grupo no WhatsApp e incluem a professora, mas não é pratica da escola. A gente pede para a professora não entrar no grupo.” (C2)

Sobre a implantação do uso das tecnologias, as escolas afirmaram não terem encontrado dificuldades ou resistência por parte dos educadores. Esta questão provavelmente está relacionada ao uso pessoal e à familiaridade que a maioria das pessoas já tem com tais recursos. Como observa a coordenadora pedagógica (F2) *“Facebook já é mais prático, todo mundo sabe usar e, aí, a gente só tem, na verdade, é combinações com as professoras, né, como postar, o que postar, em que momentos e tal.”*. E, segundo a gestora (G1) sobre este uso *“Não precisamos fazer nenhum treinamento, mas a gente precisou ajustar o grupo. De que maneira postar, com certeza.”*.

As agendas eletrônicas, no entanto, exigiram um maior treinamento, dúvidas e questionamentos. Somente uma escola, a primeira a adotar essa tecnologia, já tem o uso das agendas como algo “tranquilo”. As outras duas que utilizam as agendas eletrônicas ainda enfrentam situações que precisam ser pensadas e revisadas diariamente. Como relata o gestor (B1) *“Esses dias uma professora mandou um bilhete pedindo fraldas para toda a escola. Daqui a pouco veio o jardim perguntando - mas a fulana tem que levar fralda? -, não, foi um equívoco da professora, mas nós avisamos todas as turmas que estávamos testando. Então, pedimos a compreensão.”*. Já a escola F observa um movimento dos educadores parecido com o de algumas famílias na adoção das TD, em especial das agendas, segundo a coordenadora pedagógica (F2) *“Isso que eu te digo das famílias, a gente também percebe um pouquinho dos educadores. Porque, o que acontece, assim como a gente tem professoras e educadoras que já são muito rápidas com a tecnologia, a gente tem um grupo de pessoal que também precisa reaprender, né, a lidar com esse formato. E esse pessoal geralmente tem um pouquinho mais de resistência, mas aos pouquinhos a gente... porque ficou bem mais prático assim.”*. Essa situação também ocorre na escola E, como exemplifica a gestora (E1) *“Aqueles que têm dificuldade pra novidade, que têm resistência ao novo, resistiram um pouco, mas eu penso que é uma coisa que não tem mais volta.”*.

Ao trazer as tecnologias para a escola, acabam surgindo novas questões a serem pensadas, como, por exemplo, o uso de celular por parte dos funcionários. Na medida em que os educadores são estimulados a tirarem fotos das crianças e, alguns, a preencherem as agendas eletrônicas no seu próprio telefone, como restringir o uso apenas para o profissional? De acordo com o gestor (D1) *“Existe um desafio interno quanto ao uso do WhatsApp dos educadores em sala de aula... não só dos educadores*

como cozinheiras, como a própria faxineira que é o serviços gerais... uso do telefone celular. Então, tem certos casos, tu vai dando os limites e coloca as regras da escola, de acordo com as leis, mas sempre há um probleminha ou outro a se resolver.”. Já para a gestora (E1) “Eu acho complicado não deixar usar celular. Que que eu tento ficar atenta, se a pessoa vai fazer um bom uso, sabe? Mas eu nunca tive problema assim de, por exemplo, ter um acidente na sala porque a professora estava usando o celular. Não... Então assim, eu não acho... Eu não precisei ainda intervir. Já teve situações assim: ah, a guria tava no pátio usando o celular, não, né. Então é de poder assim... Olha só, se tu tiver no pátio usando celular e alguém cair na pracinha, vai ser um problema pra mim e pra ti, né?”.

Mesmo estando com o celular próximo a todo o momento, a orientação das escolas é que os educadores e funcionários evitem utilizá-los para uso pessoal. Na escola B, há uma orientação inclusive com relação ao horário de preenchimento das agendas eletrônicas visto que a ideia não é ter as educadoras o tempo todo *online*, como explica a coordenadora pedagógica (B2) “A gente orienta que não fiquem o tempo todo, mas a gente não tem um controle sobre isso. Na parte da manhã a gente pede assim, oh, depois que terminou o almoço, quando a gente encaminha as crianças para o soninho, se faça a parte da manhã. E daí, então, a partir... Depois do soninho e o restante do dia, fica lá pro final do dia depois do horário da janta.”.

Algumas escolas trouxeram, ainda, dificuldades com relação à escrita das educadoras. Ao fazermos uso profissional de algo que estamos acostumados a utilizar informalmente, por exemplo, precisamos refletir sobre a forma de escrever, tendo um cuidado maior com esse registro, como relata o gestor (B1) “Uma coisa que eu observei, da agenda eletrônica, agora, é que, acontece, como nas mensagens de celular, muito erro de digitação. E, como a gente falou, tá iniciando, então, daqui a pouco a gente vai ter que, não, treinar de novo cuidados se começar a aparecer... não é uma conversa entre amigos, né? É uma relação cliente/fornecedor, é isso né? A gente não pode perder isso de vista.”.

A questão da escrita também foi associada à formação dos educadores em algumas entrevistas. Segundo a coordenadora pedagógica (B2) “Eu acredito que a professora tem que ser responsável por aquilo que acontece dentro da sala de aula dela e foi uma das primeiras coisas que a gente mudou já na agenda de papel. Não vai mais passar por mim, mas saibam que vocês vão ser cobradas pelas informações que vocês

vão colocar ali, então, tenham cuidado.”. Já a escola H ainda prefere ter esse controle sobre a comunicação e a escrita das educadoras, como relata a gestora (H1) “As agendas mantêm no papel até porque é uma tecnologia nova, que os professores têm que acessar para dar resposta e, às vezes, não escrevem muito bem, que a gente tem uma grande deficiência nesse sentido na educação. Então, não. As agendas continuam sendo só assinaladas e os bilhetes continuam sendo feitos por mim.”.

Percebemos, a partir da análise das entrevistas realizadas, o quanto a formação dos educadores permeia diversas falas. Ou seja, o quanto é necessária uma formação constante baseada em reflexões, discussões e trocas de saberes para qualificar tanto a postura dos educadores quanto o uso que estes fazem das tecnologias disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação e, com ela, a relação, entre a família e a escola é fundamental para o pleno desenvolvimento infantil visto que a criança é um ser em formação e estas duas instituições são os principais espaços frequentados por ela e responsáveis pela sua educação. Sendo assim, quanto mais coerente for a mensagem e o exemplo passados à criança, mais significativa será sua aprendizagem. Quanto mais a escola e a família trabalharem de forma cooperativa, construindo ideias e buscando objetivos comuns, mais veremos o projeto educativo se efetivar. Contudo, a escola precisa tomar cuidado para não assumir a postura de “detentora do saber” ao querer ensinar as famílias o que é certo. Para a construção de uma relação saudável, o respeito mútuo é um ponto fundamental.

Assim como a escola quer ser ouvida pela família, ela também precisa ouvir até para compreender cada família, suas relações com as crianças e sua forma de ensinar. Trabalhar em parceria significa trocar ideias e informações buscando um objetivo comum que, no nosso caso, é a qualidade do desenvolvimento das crianças. Esse movimento de ouvir os pais e vê-los como um segmento que pode e deve contribuir foi percebido em algumas entrevistas realizadas cujos gestores demonstraram uma preocupação com essa relação família-escola, valorizando a proximidade desse contato.

Na sociedade contemporânea as tecnologias digitais estão a cada dia com uma maior facilidade de acesso. Hoje, acessamos à Internet de diversos dispositivos móveis e, neles, podemos instalar diferentes aplicativos dependendo do uso que pretendemos fazer. A escola, inserida nesta sociedade, também percebeu esse movimento e passou a se apropriar destes recursos usando-os no seu dia a dia.

Contudo, ao utilizar as TD na escola na relação com as famílias, surgiram diversas possibilidades, questionamentos e desafios que cada escola está, aos poucos e de acordo com as suas características, adequando. A principal questão que deve ser observada, no entanto, é de que a tecnologia sozinha não traz benefícios, ela depende do uso que as pessoas fazem dela para qualificar ou não o processo de comunicação. Logo, a tomada de decisão pela adoção de um recurso tecnológico deve ser pensada levando-se em conta as necessidades da escola, sua concepção sobre educação e seus objetivos e não somente “porque todos estão usando então vou usar também”.

Chegando ao término da pesquisa e da análise de dados, identificamos que nessa sociedade contemporânea imersa na Cibercultura onde a Internet é o elemento articulador de toda a comunicação, qualquer serviço e especialmente as redes sociais criadas, vieram resgatar um anseio de organização e facilidade de acesso e troca de informações. Todas as redes cumpriram o protagonismo dos “famosos 15 minutos de fama”, então, essa necessidade que as pessoas sempre tiveram de ser protagonistas, de colocar a sua opinião, de serem ouvidas e vistas se cumpre na contemporaneidade pelas redes sociais.

Sobre este aspecto pessoal, as redes trouxeram uma revolução no comportamento e não é à toa que as pessoas às vezes se surpreendem que existe um comportamento no presencial e um outro no virtual. Grande parte disso acontece pela falta de educação e entendimento do espaço virtual e da escalabilidade que a informação atinge no virtual. Por exemplo, um comentário que se faça no presencial, ele se propaga, mas não tanto na escala e nem na velocidade que ele se propaga no virtual, seja pelo fato de poder “*retwittar*”, compartilhar, encaminhar ou enviar para todos. Por exemplo, quando contamos algo para uma pessoa, ela pode contar para outra, mas essa “rede física” é muito limitada, já quando esse comentário vai para o virtual, ele não tem limite. Então, é importante que as pessoas cada vez mais se eduquem para usar as redes tanto a nível pessoal e, especialmente, a nível profissional.

Não há estranheza nos dados achados, porque no próprio comportamento pessoal as pessoas ainda não têm uma total compreensão do que significa compartilhar informação numa rede social. Ainda há a ilusão de que posso mandar algo para um grupo seletivo, contudo, quando o amigo tem um amigo que tem um amigo e compartilham tal informação, isso exponencia na “n”. Logo, se não há essa compreensão sob o ponto de vista pessoal, o que dirá no profissional. Há, ainda, a questão da privacidade e um contexto onde as coisas são produzidas; quando retiramos uma fala, uma foto, uma imagem, um filme de um contexto, isso pode gerar situações muito desconfortáveis.

A tecnologia veio como possibilidade de facilitar, ampliar e realmente se confirmar como um espaço adicional para qualificar a relação da escola com a família; ela consegue ser uma alternativa nesse mundo de correrias para os pais terem informações sobre o seu filho e se comunicarem com a escola. No entanto, permanece de base o problema da necessidade da família estar presente fisicamente na escola para

acompanhar o dia a dia dos seus filhos. A tecnologia auxilia, mas ela não supre a presença das famílias. Então, um risco que se corre, ao adotar uma série de espaços virtuais como espaços de comunicação e interação com a escola, é o esvaziamento do encontro presencial olho no olho para a família poder sentir os outros aspectos que só na presencialidade ela sentiria. Desta forma, a maioria das escolas participantes da pesquisa está neste movimento: de utilizar as tecnologias para comunicar às famílias o que a criança tem feito na escola; mostrar que a educação infantil não é só o cuidado com as crianças; e, a partir deste compartilhamento de informações, trazer os pais mais para dentro da escola.

Os pais costumeiramente se relacionavam com as professoras no ambiente escolar e vice-versa cercados de uma série de limitação inerentes ao tempo e ao espaço físico. No momento em que essa relação é rompida para o espaço virtual, não temos mais fronteiras nem de tempo nem de espaço. Então, as partes ficam vulneráveis a uma invasão de sua privacidade podendo a professora ser demandada a responder questões sobre um determinado aluno fora do seu horário de escola ou o pai ter a sua privacidade invadida com a professora mandando uma demanda em um horário impróprio, em que ele está em reunião ou em uma outra situação, por exemplo.

A falta de clareza dos protocolos de uso das tecnologias ainda são questões em aberto e fica com recomendação deste estudo a importância das escolas estabelecerem um “código de etiqueta para uso das redes sociais”, esse é um movimento que começa a parecer timidamente. No exterior está em larga escala e no Brasil ainda é encontrado preferencialmente em escolas maiores e que têm mais experiência com o uso das tecnologias. Então, uma recomendação para quem quer usar tecnologia digitais nessa direção que apontamos ao longo do estudo, é promover uma grande discussão interna e, dessa discussão, validar o protocolo, o código de etiqueta acerca do uso das tecnologias adotado por cada escola. É importante salientar que cada escola precisa refletir e construir as suas recomendações de acordo com a sua concepção de educação, a sua estrutura física e humana bem como suas necessidades e seus objetivos frente ao atendimento na educação infantil e ao desenvolvimento das crianças.

Existem diversos códigos de “Etiquetenês”, uso da etiqueta na Internet, contudo, eles são mais relacionados à forma de registrar a mensagem para garantir que exista um protocolo mínimo para as pessoas se comunicarem como, por exemplo, o uso de letra maiúscula no momento de escrever como se a pessoa estivesse gritando. O texto escrito

é diferente de uma conversa, as nuances são dadas por negrito, por itálico e tamanho de fonte. Por exemplo, às vezes a pessoa quer destacar uma palavra pela sua importância e a semântica associada àquele destaque pode ser entendida pelo outro de uma forma diferente. O WhatsApp, nesse momento, é a ferramenta mais utilizada para a comunicação, pois através dele há, também, a rapidez e a facilidade de gravar uma mensagem de voz, mandar uma foto ou um vídeo e a facilidade de criar grupo, em detrimento do Facebook, do Twitter, do e-mail. Percebemos, contudo, a partir do nosso estudo, que uma grande dificuldade no uso das TD está na postura dos profissionais, sendo assim, ao construir o seu código de etiqueta, cada escola deve discutir sobre questões e situações do seu dia a dia como: permissão do uso do celular pelos funcionários; autorização ou não para adicionar as famílias nas redes sociais; formas de melhor se comunicar e escrever, por exemplo, sem utilizar o nome da criança que mordeu ao relatar aos pais da que foi mordida; e demais aspectos relacionados ao perfil e à postura desejados por cada instituição.

As tecnologias digitais vieram, assim, ofertar um novo espaço para expandir e relação entre a escola e a família, mas trouxeram junto com elas uma série de outras questões que transcendem o mundo escolar, que entram no estilo pessoal, então, começa a haver uma trama de mundos que, antes, estabeleciam relações de outra forma, o mundo da família e o mundo da escola. No virtual, está havendo a chance de maior perspassamento, a escola está entrando um pouco no cotidiano da família e o cotidiano da família está entrando um pouco no da escola. Logo, é imperioso que uma escola que deseja usar esse tipo de ferramenta faça uma discussão interna, deixando bem claro os objetivos, as fronteiras, os espaços e gere um código de conduta para pais, docentes e funcionários sobre como se dará esse uso.

Outra recomendação dessa dissertação é, com relação aos gestores, pois uma vez entrado neste mundo digital, é um caminho sem volta. Desta forma, existe um investimento inicial para montar a infraestrutura de hardware, software e de pessoas de apoio com relação ao aspecto técnico que nunca mais será extinta. Este investimento de capital inicial é deslocado, depois, para manutenção, logo, toda a parte de TI (tecnologia da informação) deve ser encarada como: troca de móvel, troca de lâmpada, troca de recursos, roteadores. E, assim, como se precisa ter um grupo interdisciplinar, é necessário ter um especialista ou uma empresa dando suporte para a parte de TI.

Há, ainda, uma necessidade de formação continuada que permeou todo o processo de análise dos dados, sendo assim, fica a pergunta “Será que os currículos de formação de professores, especialmente com relação ao uso de tecnologias digitais na comunicação com as famílias, no recorte desta pesquisa, está atento a isto? ”. Fica, então, para o próximo trabalho, discutir como essas questões levantadas poderiam ser trazidas para a formação dos professores.

Fica em aberto para discutir em possíveis trabalhos futuros, também, a ampliação da investigação incluindo a opinião dos pais e dos educadores sobre a adoção das tecnologias na comunicação entre a família e a escola, a reflexão da escolha, do uso, da privacidade e o que eles esperam quando escolhem uma escola, identificando e compreendendo quais os benefícios agregados e quais os problemas que eles percebem.

Sabemos, portanto, que a parceria entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento da criança na educação infantil e que, hoje em dia, as tecnologias digitais estão presentes no nosso dia a dia e, assim, a escola não tem como se excluir desse movimento. Dessa forma, os recursos tecnológicos podem facilitar a comunicação e a relação com as famílias, no entanto, é o uso que as pessoas farão das tecnologias que determinará os seus benefícios. Sendo assim, cada escola precisa estar diariamente atenta para refletir sobre os questionamentos e os anseios que surgirão deste uso, adaptando-os sempre às suas necessidades, à sua realidade e às famílias que integram a comunidade escolas, sempre lembrando a importância do papel de cada segmento que compõe tal comunidade.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira. **Família e escola de educação infantil: companheiras de jornada**. 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; BRAGA, Maria da Graça Reis. **Reflexões a cerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas**. Rio de Janeiro: Ágora, vol.9, n.2, jul/dez 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BASSEDAS, Eulália; HUGET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

_____. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol1.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Lei 12796** de 04 de abril de 2013. Norma federal. Publicado no Diário Oficial da União em 05 de abril de 2013.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis de. **Educação Infantil: percursos, percalços, dilemas e perspectivas**. Ilhéus: Editus, 2003.

CHAGURI, Ana Cecília. Pais e educadores: a fome do conhecimento um do outro. In: Rosseti-Ferreira [et al.]. **Os Fazeres na educação infantil**. 12 ed. São Paulo: Cortez, Ribeirão Preto, 2011, p.43-44.

DENZIN, Norman K.; LINCON, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DURTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p.62-83.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Método e técnica de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRAFFA, Lúcia. **Uma odisseia no ciberespaço**: O software educacional dos tutoriais aos mundos virtuais. Revista Brasileira de Informática na Educação, Porto Alegre, v.17, n.1, p.20-30, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na Educação Infantil: o desafio da alteridade e do diálogo. In: VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (Orgs). **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012, p.88 – 100.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. Entrevista concedida a Juremir Machado, Correio do Povo, Caderno de Sábado. Porto Alegre, 14 abr. 2015. Disponível em <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-esta-no-comeco>> Acesso em 05/10/2016

_____. Entrevista concedida a Juremir Machado, Correio do Povo. Porto Alegre, 11 jul. 2016. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/2016/07/8818/entrevista-com-pierre-levy>> Acesso em 05/10/2016

LIDZ, Theodore. **A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2. ed.rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C.B. **Estado do conhecimento**: conceitos, finalidades e interlocuções. Educação por escrito, Porto Alegre, v.5, n.2, p.154-164, jul-dez 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

PADILHA, Maria Itayra Coelho; RAMOS, Flávia Regina Santos; BORENSTEIN, Miriam Susskind. MARTINS, Cleusa Rios. **A responsabilidade do pesquisador ou sobre o que dizemos acerca da ética em pesquisa**. Texto & Contexto Enfermagem, v. 14, n. 1, p. 96-105, 2005.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesús. **Educação infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, Cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet.** São Paulo: Paulinas, 2008.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** São Paulo: Planeta, 2012.

SILVA, Ana Teresa Gavião Almeida Marques da. **A construção da parceria família-creche: expectativas, pensamentos e fazeres no cuidado e educação das crianças.** 2011. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SZYMANSKI, Heloísa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** Brasília: Plano Editora, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5 eds. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A -BIBLIOGRAFIA SISTEMATIZADA DOS TRABALHOS SELECIONADAS

Bibliografia Sistematizada das teses selecionadas

Ano	Título/Autor	Área de Estudo	Objetivos da Pesquisa	Metodologia	Resultados
2009	Pesquisando a relação família-escola: o que relevam as teses e dissertações dos programas de pós-graduação brasileiros/Andréa Theodoro Toci Dias	Educação	Identificar as teses e dissertações produzidas em Programas de Pós-Graduação Brasileiros nas áreas de Educação, Psicologia e Sociologia buscando sintetizar as principais características dessa produção.	Qualitativa Pesquisa bibliográfico composta de um levantamento bibliográfico, uma análise bibliométrica, e uma avaliação de textos completos.	A análise de textos completos revelou que as ênfases das pesquisas recaíram sobre três distintos conjuntos de objetivos: a importância da relação família-escola para o aluno; as expectativas de pais e professores sobre a escola e sobre a própria relação; as formas assumidas pela relação.
2014	A identidade da pré-escola: entre a transição para o Ensino Fundamental e a obrigatoriedade de frequência/ Cintia Votto Fernandes	Educação	Investigar quais os significados, sobre a pré-escola, presentes nas narrativas dos atores dos processos educativos (supervisores da Secretaria Municipal de Educação, equipe diretiva de escolas, professores, crianças e famílias), incluindo a concepção de transição para o Ensino Fundamental, bem como estes definem a identidade da pré-escola diante do novo ordenamento legal da obrigatoriedade de frequência.	Qualitativa Pesquisa Narrativa	A pré-escola é significada como um ambiente preparatório para que a criança tenha melhor desempenho na etapa seguinte. Identidade preparatória e de subordinação ao Ensino Fundamental.
2014	Tecnologias digitais no jardim de infância: comunicação, aprendizagem e desenvolvimento profissional docente/ Ádila Ferreira Lopes de Faria	Educação	Compreender de que forma podem diversos recursos digitais contribuir para o a aprendizagem e para o desenvolvimento integral das crianças do jardim de infância	Qualitativa Estudo de Caso	Evidenciam a importância da integração das tecnologias digitais em contexto de jardim de infância, tendo sempre o educador um papel fundamental na mediação entre as crianças e as tecnologias.

Fonte: A autora (2017)

Bibliografia Sistematizada das dissertações selecionadas

Ano	Título/Autor	Área de Estudo	Objetivos da Pesquisa	Metodologia	Resultados
2005	Família e escola de educação infantil: Um estudo sobre reunião de pais/ Heloisa Helena Genovese de Oliveira Garcia	Psicologia escolar e do desenvolvimento humano	Analisar como se constituem as relações de cada escola com os familiares dos alunos durante as reuniões de pais.	Pesquisa em uma visão construtivista (GARCIA e PIAGET)	Destacamos uma tendência moralizadora da escola sobre a educação no contexto familiar e interferências do contexto institucional e político no cotidiano das reuniões. Tanto nos discursos quanto nas práticas, as escolas permanecem identificadas como o lugar dos que sabem, reservando pouco espaço para os conhecimentos e as realidades das famílias.
2011	Família Contemporânea: complexidades e desafios atuais/ Luciana Novais de Oliveira Brito	Psicologia	Compreender o lugar que os pais têm ocupado no processo de criação/educação dos filhos, bem como a percepção dos mesmos sobre esse processo	Qualitativa Compreensão da subjetividade dos Sujeitos	Verificou-se que ambas as famílias fizeram uma representação idealizada da mesma, demonstrando uma contradição entre a família ideal e a família real. Verificou-se que os pais hoje se encontram sem referências claras na hora de educar e revelam as dificuldades de demonstrar a autoridade que lhe cabem apresentar junto a seus filhos. Os filhos por sua vez, expuseram o ressentimento pela ausência dos pais no período em que estão no trabalho.
2011	Uma experiência de trabalho com as famílias em um Centro de Educação Infantil: um olhar dialógico para as práticas educativas/ Sandra Marangoni Ferraz	Psicologia da Educação	Compreender uma experiência duradoura do trabalho com as famílias em um Centro de Educação Infantil (CEI), a partir dos protagonistas que atuam nele desde o seu início: pais, funcionários e representantes da comunidade.	Qualitativa Compreensão do fenômeno (Paulo Freire)	Podemos perceber que há uma busca contínua pela vivência de uma prática dialógica, tanto pela equipe do CEI e pelos representantes da comunidade com as famílias, quanto por algumas famílias junto aos seus filhos e com os membros da instituição.
2012	O envolvimento dos pais na escola: Um estudo com pais-professores no 1º ciclo do ensino básico/ Rolanda Bárbara Pinto Pereira	Educação	Estudar a relação existente entre a profissão dos pais e o envolvimento que estes têm com a escola	Qualitativa Estudo de caso	Sugerem que não existem diferenças acentuadas entre o envolvimento dos Pais-Professores e os restantes pais com a escola. Porém, foi possível constatar que a concepção que os professores têm do envolvimento parental é distinta da vivenciada no dia a dia pelos pais.
2012	A comunicação e o papel	Gestão da	Conhecer as opiniões dos professores de	Não experimental	Os professores têm percepções positivas em

	das Tecnologias de Informação e Comunicação numa escola Secundária da região autónoma dos açores/ Carla Susana Alves Pinto	Formação e Administração Educacional	uma Escola Secundária quanto à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na escola e de que forma estas se relacionam com as suas percepções acerca da qualidade da comunicação existente na Organização Escolar e esta com as suas percepções em relação ao clima escolar e à sua participação na vida da mesma.	Quantitativo e descritivo o questionário <i>Clima Escolar e Participação dos Professores</i> (QCPP) de (COSTA, 2010) e <i>Comunicação na Organização Escolar</i> (QCE) elaborado pela autora	relação à qualidade da comunicação existente na organização escolar entre Conselho Executivo e os professores; entre os professores da escola; entre professores e os alunos; e entre professores e os pais/encarregados de educação. Assim, quanto mais positiva é a percepção dos professores em relação à qualidade da comunicação entre os atores escolares, maior é o grau de utilização das TIC na escola.
2013	Discurso docente sobre a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar: professores tecendo sentidos/ Natália Jimena da Silva Aguiar	Educação	Investigar os sentidos que emergem dos discursos dos professores que atuam no ensino fundamental sobre a inserção das TDIC no cotidiano escolar.	Qualitativa Análise de Discurso (Pêcheux e em articulação com Lacan e Orlandi)	O sentido atribuído pelo docente a essa inserção parece ser menos determinado pelo acesso aos instrumentos tecnológicos, ou ao próprio uso do computador, do que pelas condições de trabalho de que esses profissionais dispõem para exercer suas atividades de docência.
2013	Introdução de ferramentas TIC na comunicação entre a escola e a família: uma experiência com alunos do 2º ciclo do Ensino Básico de uma escola de Lisboa/ Pedro Miguel Costa Pessanha de Mendonça	Educação	O presente estudo pretende encontrar e, de alguma forma, explorar os efeitos da utilização de ferramentas tecnológicas na comunicação entre a escola e as famílias dos seus alunos.	Abordagem Naturalista	Foram também recolhidos dados relativamente aos contatos estabelecidos entre os diretores de turma e os encarregados de educação das várias turmas da escola e dados relativos ao aproveitamento e comportamento de todas estas turmas. Estes dados tornaram possível uma análise comparativa entre as várias turmas que permitiu a confirmação dos efeitos positivos que esta dinâmica revelou ter, tanto na frequência dos contatos com as famílias como nos indicadores de aprendizagem e de atitudes dos alunos participantes.
2016	Proposta de um sistema de comunicação escolar utilizando plataformas livres para o envio de mensagens SMA/ Athânio de Souza Silveira	Computação Aplicada: Informática Educativa	Viabilizar a comunicação rápida e eficiente entre escola e alunos, perpassando o ambiente escolar, provendo na gestão comunicativa escolar. A principal contribuição da pesquisa, contudo está focada na melhoria dos processos de gestão comunicativa escolar, com notificações de baixo custo e maior	Desenvolvimento de um sistema de envio de mensagens SMS sob demanda, denominado SINDSMS	A necessidade de conhecer os recursos aplica-se a todos os envolvidos para, assim, tornar a ferramenta ágil e efetiva para a escola, fazendo com que informações úteis e urgentes cheguem aos destinatários de forma mais rápida. O objetivo foi concretizado com o desenvolvimento da pesquisa e a implantação do sistema de envio de múltiplos SMS no

			efetividade por meio do uso da tecnologia de SMS.		ambiente escolar, que contribuiu de maneira efetiva para facilitar o acesso aos informes e aos regulamentos da escola; informes de provas, ausência de aula, lembrete de provas, dicas de materiais e, sobretudo, prover a manutenção do contato, de forma colaborativa, entre os professores das instituições de ensino, alunos e os familiares de alunos.
--	--	--	---	--	---

Fonte: A autora (2017)

Bibliografia Sistematizada dos artigos selecionadas

Ano	Título/Autor	Área de Estudo	Objetivos da Pesquisa	Metodologia	Resultados
2005	Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola/ Ana da Costa Polónia e Maria Auxiliadora Dessen	Psicologia Escolar e Educacional	Apresentar algumas reflexões sobre o envolvimento da família com a escola e seu impacto sobre a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno.	Qualitativa Revisão Bibliográfica	Enfatizamos a necessidade de uma integração mais efetiva entre a família e a escola, respeitando as peculiaridades de cada segmento, e da implementação de pesquisas que levem em conta as inter-relações entre os dois contextos.
2006	Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação/ Maria Alice Nogueira	Educação	Problematizar o fenômeno à luz de pressupostos sociológicos que apontam para as diferenças entre as famílias pertencentes e diferentes meios sociais.	Qualitativa Revisão de Literatura	Ainda muito pouco sabemos sobre os modos concretos sob os quais o fenômeno vem se dando: quais são as práticas concretas dos sujeitos através das quais esses dispositivos estão sendo implementados (campanhas, jornadas, profissionais processo deles)? Quais são seus efeitos no plano do rendimento e da equalização das chances escolares? A noção de “pareceria” tem o mesmo significado para os diferentes grupos e atores sociais (pais, educadores, alunos)? Essas e outras perguntas estão aguardando respostas que somente terão validade se emanarem de pesquisas empíricas rigorosas, que se encarreguem de conhecer a realidade dos discursos e das práticas efetivas dos sujeitos sociais, suas implicações e

					consequências.
2012	Modos de comunicação família-escola: uma pesquisa com crianças/ Circe Mara Marques e Bianca Lautert	Educação	Dar visibilidade ao que as crianças do quarto ano de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre têm a nos dizer sobre os modos de comunicação entre seus familiares e seus professores	Qualitativa	As crianças do quarto ano já se apropriaram da ideia de que a comunicação entre essas duas instituições se dá em situações de problema de aprendizagem ou comportamento. Como decorrência, elas rechaçam a presença dos pais na escola e relembram experiências positivas vividas anteriormente quando seus familiares frequentavam a escola com outro propósito. A pesquisa mostrou que embora a escola e a família tenham muito a aprender e ensinar uma à outra, suas relações são frágeis e desconsideram o “querer” das crianças
2012	Comunicação e envolvimento: possibilidades de interconexões entre família-escola? / Keila Hellen Barbato Marcondes e Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo	Educação	Analisar as relações estabelecidas entre a escola e a família de crianças com baixo rendimento escolar, salientando que a escola pesquisada adota o regime de progressão continuada.	Qualitativa (perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner)	Embora os resultados destaquem a comunicação como principal veículo de trocas entre os dois contextos, essa necessita ser aprimorada. A família e a escola compreendem que devem trabalhar em colaboração, mas tal relação precisa ser reconstruída, pois se mostra assimétrica e repleta de preconceitos.
2012	Relação família/escola: as contribuições da família no processo pedagógico vivido na educação infantil/ Maria de Lourdes Garcêz da Silva e Luciana Matias Cavalcante	Educação	Identificar e analisar as contribuições da família no processo pedagógico proposto pela escola a fim de refletir criticamente acerca da parceria entre escola e família no âmbito da educação infantil, sua importância na melhoria do trabalho pedagógico.	Qualitativa Estudo de caso	Apesar de muitos pais não terem escolaridade adequada para lidar com o acompanhamento dos filhos nas atividades, todas acham importante sua participação na escola.
2014	Tecnologias digitais e formação continuada de professores/ Ricardo Antunes de Sá e Estela Endlich	Educação	Apresentar a sistematização de resultados preliminares de pesquisa empreendida junto às escolas da Rede Municipal de Educação de Curitiba – RME, onde se investigaram os conhecimentos adquiridos	Qualitativa Exploratória	Os resultados apontaram para a necessidade de uma concepção de formação continuada que propicie elementos teóricos e metodológicos que fundamentem a integração crítica e propositiva dos recursos tecnológicos digitais à

			pelos professores nos cursos de formação continuada e a integração dos recursos das tecnologias digitais na escola no período de 2011 a 2012		prática educativa.
2015	<p>Construcción de una plataforma tecnológica Para mejorar la comunicación entre actores educativos/ Lorena Carolina Ramos Chavira, Marcela Georgina Gómez Zermeño e Nancy Janett García Vázquez</p>	Educação	<p>Estudiar las opiniones de maestros, docentes y padres de familia, una respecto a la comunicación que se lleva a cabo entre estos actores educativos una institución educativa una el propósito de conocer la efectividad de los intercambios comunicativos entre los involucrados.</p>	<p>Qualitativa Pesquisa de opinião</p>	<p>La información recabada se procesa para diseñar una plataforma tecnológica que permitiera mantener la comunicación, considerando las condiciones de la escuela bajo proceso. Se concluyó que la comunicación es eficaz entre los actores internos de la escuela pero deficiente una los actores externos, por lo que el uso de una plataforma tecnológica de comunicación beneficiaría este proceso.</p>

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO ONLINE AUTOAPLICÁVEL

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E ASPECTOS ÉTICOS

Para construção deste instrumento utilizamos os recursos do *Google Forms*. O ambiente do Google oferta a possibilidade de criarmos instrumentos de coleta de dados, via Internet, com acesso por um link a ser disponibilizado aos respondentes. Este link geralmente é enviado num e-mail convite e respondido pelos sujeitos que concordarem em participar, a partir da leitura do TCLE-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que é disponibilizado na 1ª tela do instrumento. A identidade dos sujeitos pesquisados é mantida em sigilo. O uso deste tipo de formulário *online* preserva a identidade dos respondentes. Nem mesmo o criador do instrumento tem acesso aos e-mails dos respondentes. Os resultados são apresentados resumidamente por meio de gráficos (pizza e barras), incluindo uma caixa com as percentagens de cada um dos itens associada ao número de pessoas que escolheram determinada opção. As respostas das questões abertas são disponibilizadas uma após a outra na forma de parágrafos.

De acordo com a resolução n.510, de 07 de abril de 2016 em seu Parágrafo único:

Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

I–Pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;

Logo, esta pesquisa não necessita de envio ao CEP, bastando apenas a avaliação do Comitê Científico da EH.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisadora responsável: Ana Paula Rocha da Silva

Instituição/Departamento: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Escola de Humanidades-PPGEdu

Orientadora: Profa. Dra. Lucia Maria Martins Giraffa

Prezado (a) Diretor (a):

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Você tem o direito de desistir a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Esta pesquisa tem como finalidade *compreender como o uso das Tecnologias Digitais pode auxiliar na comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças da educação infantil.*

Sua participação, nesta pesquisa, consistirá no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que foram enviadas através do link para o seu endereço eletrônico. Além disso, trará maior conhecimento sobre o tema abordado e o

preenchimento do questionário não representará qualquer risco de ordem psicológica para você.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma.

Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que, eventualmente, o/a participante venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente, através do e-mail: ana.silva.021@acad.pucrs.br

Eventuais dúvidas acerca da condução desta pesquisa no âmbito da PUCRS disponibilizamos o contato do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

Av. Ipiranga 6681, Prédio 50 - Sala 703

Porto Alegre/RS - Brasil - CEP 90619-900

Telefone: Fone/Fax: (51) 3320.3345

E-mail: cep@pucrs.br

Ciente do que foi exposto no TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), estou de acordo em participar desta pesquisa ao responder este Questionário.

ATENÇÃO:

***Caso você não aceite, basta ignorar este e-mail ou colocar a opção de sair do documento.

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Objetivo: Identificar como e quais Tecnologias Digitais são utilizadas pelas escolas de Educação Infantil privadas de Porto Alegre como complementares para a comunicação com os pais.

Resultado esperado: lista das tecnologias (tipo, tempo de uso e como usam).

1. Marque, dentre as tecnologias abaixo, qual (quais) as utilizadas pela **DIREÇÃO/GESTOR** da sua escola na comunicação com os pais da Educação Infantil:

E-mail

Informativo digital (newsletter)

Site/Portal

Blog

Moodle, Blackboard ou ambientes colaborativos

Facebook ou similar

Instagram ou similar

Twitter ou similar

Câmeras com acesso online
Agendas virtuais
Aplicativo específico criado para escola
Outros

2. Marque, dentre as tecnologias abaixo, qual (quais) as utilizadas pelos **EDUCADORES** da sua escola na comunicação com os pais da Educação Infantil:

E-mail
Informativo digital (newsletter)
Site/Portal
Blog
Moodle, Blackboard ou ambientes colaborativos
Facebook ou similar
Instagram ou similar
Twitter ou similar
Câmeras com acesso online
Agendas virtuais
Aplicativo específico criado para escola
Outros

3. Marque, dentre as tecnologias abaixo, qual (quais) as utilizadas pelos **PAIS** da sua escola para comunicação com gestores e educadores da Educação Infantil:

E-mail
Informativo digital (newsletter)
Site/Portal
Blog
Moodle, Blackboard ou ambientes colaborativos
Facebook ou similar
Instagram ou similar
Twitter ou similar
Câmeras com acesso online
Agendas virtuais
Aplicativo específico criado para escola
Outros

4. Há quanto tempo foi adotado o uso de Tecnologias Digitais na sua escola?

No último ano
Há dois anos

Há três anos

Há quatro anos

Há cinco anos ou mais

5. O que levou sua escola a tomar a decisão de utilizá-las? (Resposta múltipla)

Busca de um diferencial (auxiliando o marketing)

Busca de um diferencial (auxiliando o planejamento)

Busca de um diferencial (auxiliando aspectos pedagógicos)

Facilitar acesso às famílias e vice-versa

Solicitação dos pais

Otimização de recursos financeiros

Questões Ecológicas

Outros

6. Deseja participar da fase II respondendo à entrevista relacionada à experiência com uso destes recursos? Se sim, favor colocar nome com respectivo e-mail no espaço abaixo. Caso contrário, selecione não.

Obrigada pela sua participação, ela foi muito importante para qualificar a nossa pesquisa.

APÊNDICE C – ROTEIRO ENTREVISTAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisadora responsável: Ana Paula Rocha da Silva
Instituição/Departamento: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Escola de Humanidades-PPGEdu
Orientadora: Profa. Dra. Lucia Maria Martins Giraffa

Prezado (a) Gestor (a) / Educador (a):

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Você tem o direito de desistir a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

Esta é uma pesquisa de opinião que tem como finalidade *compreender como o uso das Tecnologias Digitais pode auxiliar na comunicação entre a escola e a família no que tange ao acompanhamento do desenvolvimento das crianças da educação infantil.*

Sua participação, nesta pesquisa, consistirá em responder às questões da entrevista semiestruturada. Além disso, trará maior conhecimento sobre o tema abordado e a participação na entrevista não representará qualquer risco de ordem psicológica para você.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados forem divulgados em qualquer forma.

Como pesquisadora, comprometo-me a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que, eventualmente, o/a participante venha a ter, no momento da pesquisa ou posteriormente, através do e-mail: ana.silva.021@acad.pucrs.br

Eventuais dúvidas acerca da condução desta pesquisa no âmbito da PUCRS disponibilizamos o contato do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

Av. Ipiranga 6681, Prédio 50 - Sala 703
Porto Alegre/RS - Brasil - CEP 90619-900
Telefone: Fone/Fax: (51) 3320.3345
E-mail: cep@pucrs.br

Ciente do que foi exposto no TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE), estou de acordo em participar desta pesquisa ao responder esta Entrevista.

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO ALTERNATIVA COMPLEMENTAR À COMUNICAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA: UM ESTUDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

(Entrevista com questões abertas)

Objetivo: Compreender como as tecnologias digitais são utilizadas pelos gestores e coordenadores pedagógicos para se comunicar, interagir e se relacionar.

Resultado esperado: Identificar e relacionar as possibilidades e os desafios que emergem a partir do uso das TDs pelos gestores e educadores.

Recurso: gravação usando aplicativo do celular.

Para os Diretores/Gestores e Coordenadores Pedagógicos

1. Por que resolveram adotar Tecnologias Digitais na sua escola para apoiar a comunicação com os pais/responsáveis?
2. Por quem foi tomada a decisão de implantar as Tecnologias Digitais na sua escola?
3. Como foi/foram selecionadas as Tecnologias Digitais utilizadas na sua escola?
4. Como foi a receptividade por parte dos educadores?
5. Como foi a receptividade por parte dos pais/responsáveis?
6. Houve necessidade em fazer algum tipo de treinamento/formação para uso das Tecnologias Digitais utilizadas na sua escola? Se sim, como organizaram.
7. Qual a tecnologia mais utilizada? Por quê?
8. Vocês já realizaram alguma avaliação sobre o uso das TD? Se sim, as TD atuais são as mesmas desde o início? O que deixaram de usar e pelo que a substituíram?
9. Neste momento você teria algum exemplo que considerasse positivo relacionado ao uso Tecnologias Digitais na sua escola para auxiliar a comunicação com os pais/responsáveis?
10. Neste momento você teria algum exemplo que considerasse negativo relacionado ao uso Tecnologias Digitais na sua escola para auxiliar a comunicação com os pais/responsáveis?
11. Se vocês fossem iniciar o processo agora o que fariam igual e o que fariam diferente? Por que?

Ao final:

Obrigada pela sua participação e se deseja registrar algum comentário ou colaboração que julgue importante por gentileza o faça neste momento.



Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad